



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS ARRAIAS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

SIVALDO MARQUES ROSA

**HISTÓRIA, IDENTIDADE E MEMÓRIA DA MANIFESTAÇÃO CULTURAL -
FESTEJO DE NOSSA SENHORA D'ABADIA DA COMUNIDADE KALUNGA DO
VÃO DE ALMAS EM CAVALCANTE - GOIÁS**

**Arraias - TO
2023**

Sivaldo Marques Rosa

**História, identidade e memória da manifestação cultural- festejo de Nossa Senhora
D'Abadia da comunidade Kalunga do Vão de Almas em Cavalcante - Goiás**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Arraias, Curso de Licenciatura em Educação do Campo na área de Artes Visuais e Músicas. Foi avaliado para a obtenção do título de licenciado e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Adriane Tavares de Moura

Arraias - TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R783h Rosa, Sivaldo Marques.
História, identidade e memória da manifestação cultural- festejo de Nossa Senhora D'Abadia da comunidade Kalunga do Vão de Almas em Cavalcante Goiás. / Sivaldo Marques Rosa. – Arraias, TO, 2023.
60 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2023.
Orientadora : Sílvia Adriane Tavares de Moura

1. Manifestações Culturais e festejos. 2. Cultura. 3. Identidade e Memória. 4. Comunidade Quilombola Kalunga.. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sivaldo Marques Rosa

**História, identidade e memória da manifestação cultural- festejo de Nossa Senhora
D'Abadia da comunidade Kalunga do Vão de Almas em Cavalcante Goiás**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Arraias, Curso de Licenciatura em Educação do Campo na área de Artes Visuais e Músicas. Foi avaliado para a obtenção do título de licenciado e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 05/ 05/ 2023


Assinatura do Servidor
Coordenadora do Curso
Prof.ª Silvia Adriane Tavares de Moura
Educação do Campo - UFT
ARRAIAS - TO

Prof.ª Dra. Silvia Adriane Tavares de Moura – Orientadora – UFT



Prof. Dr. Kaled Sulaiman Khidir (Membro Interno -UFT)



Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Júnior (Membro Externo-UnB)

Dedico este trabalho aos meus filhos Alejandro da Cunha Marques e Emilly da Cunha Marques; Como também a minha companheira Arlene da Cunha Rodrigues que desde sempre vem me apoiando nessa caminhada e aos meus pais Elizabete Marques e Apolinário dos Santos Rosa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças para seguir adiante, aos meus pais pela educação inicial e pelos conselhos para não desistir dos estudos.

Agradeço a todos os professores, em especial a minha professora orientadora Silvia Adriane, pela confiança e ter acreditado em minha dedicação para alcançar meu objetivo final.

Agradeço a minha esposa, pela dedicação e por ter me dado forças para continuar.

Agradeço aos colaboradores\entrevistados dessa pesquisa, alunos, professores e comunidade que me receberam em suas casas, e pelas contribuições.

Agradeço aos meus colegas de curso, com as palavras de carinho, incentivos para minha permanência no curso.

Agradeço aos professores Kaled e Augusto por participarem da minha banca e pela atenção que tiveram ao meu trabalho.

Enfim, minha gratidão aos meus familiares e amigos da comunidade Kalunga Vão de Almas e a todos que foram e ainda estão indo pra luta por uma educação libertadora e que se preocupa com os saberes e fazeres das comunidades tradicionais.

“A história sem dúvida é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens.” Maurice Halbwachs (1950, pg.80)

RESUMO

O presente estudo refere-se a uma pesquisa construída no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música pela Universidade Federal do Tocantins, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tem por objetivo proporcionar o aprofundamento do conhecimento e fomentar a discussão dos aspectos pertinentes das manifestações culturais presentes na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas. A pesquisa busca compreender a história, a identidade e memória das manifestações culturais no festejo de Nossa Senhora D'Abadia e de seus sujeitos protagonistas, tendo essas categorias como elemento constituinte da cultura de matriz afro-brasileira do município de Cavalcante Goiás. Observando como é e de que forma essas manifestações se fazem presentes nesse território. Enfatiza-se também, como é feita a organização das músicas cantadas nessas manifestações, no sentido de compreender as relações construídas pelos homens, mulheres, crianças e jovens na participação nessas manifestações. Fundamentam-se em autores clássicos e contemporâneos, tais como: Halbwachs (1950); Muniz Albuquerque (1994); Barros e Nora (1984); Silva Junior (2020), Bittencourt (2013) entre outros autores que contribuíram significativamente para a abordagem teórica e prática da pesquisa. O procedimento metodológico desta pesquisa, ancorou-se na pesquisa qualitativa, tendo a história oral, a história de vida e a etnografia como aportes teóricos e metodológicos, dando ênfase em suas formas de organização e manutenção dessa prática cultural.

Palavras-chaves: Manifestações Culturais e festejos. Cultura, Identidade e Memória. Comunidade Quilombola Kalunga.

ABSTRACT

The present study refers to a research built within the scope of the Degree in Rural Education: Visual Arts and Music by the Federal University of Tocantins, as a Course Completion Work (TCC). Its objective is to provide in-depth knowledge and encourage discussion of relevant aspects of the cultural manifestations present in the Kalunga Vai de Almas quilombola community. The research seeks to understand the history, identity and memory of the cultural manifestations in the celebration of Nossa Senhora D'Abadia and its protagonists, having these categories as a constituent element of the Afro-Brazilian matrix culture in the municipality of Cavalcante Goiás. Observing how it is and how these manifestations are present in this territory. It is also emphasized how the songs sung in these manifestations are organized, in order to understand the relationships built by men, women, children and young people in participating in these manifestations. They are based on classic and contemporary authors, such as: Halbwachs (1950); Muniz Alburquerque (1994); Barros and Nora (1984); Silva Junior (2020), Bittencourt (2013) among other authors who contributed significantly to the theoretical and practical approach of the research. The methodological procedure of this research was based on qualitative research, taking oral history, life history and ethnography as theoretical and methodological contributions, emphasizing their forms of organization and maintenance of this cultural practice.

Keywords: Cultural manifestations and festivities. Culture, Identity and Memory. Kalunga Quilombola Community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Ilustração 1- Tempo Universidade | 20 |
| Ilustração 2- Tempo comunidade | 20 |
| Ilustração 3 - Venda da bandeira | 27 |
| Ilustração 4 - Império do Divino. | 27 |
| Ilustração 5- Bandeira do Império | 28 |
| Ilustração 6- Festividades | 28 |
| Ilustração 7- Momento do batizado..... | 26 |
| Ilustração 8 - Cortejo..... | 27 |
| Ilustração 9 - Comes e bebes do império..... | 60 |
| Ilustração 10 - Comes e bebes de batizado | 60 |
| Ilustração 11- Batizado em casa | 60 |
| Ilustração 12 - Batizado na igreja..... | 60 |
| Ilustração 13 - Império do Divino..... | 60 |
| Ilustração 14 - Às Oito Horas..... | 60 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Memorial do Pesquisador | 12 |
| 2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS RELAÇÕES COM AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DOS POVOS KALUNGAS..... | 14 |
| 2.1 Educação do Campo: historicidades e epistemologias | 14 |
| 2.1.1 Memória do Festejo Kalunga | 17 |
| 2.1.2 Conceito de Memória | 18 |
| 2.1.3 Conceito de História | 19 |
| 2.1.4 Conceito de Identidade | 20 |
| 3 MANIFESTAÇÕES NO FESTEJO DE NOSSA SENHORA D'ABADIA E SEU ECLETISMO CULTURAL: UM GIRO PELO TERRITÓRIO KALUNGA VÃO DE ALMAS | 22 |
| 3.1 Império do Divino | 23 |
| 3.1.2 Império de Nossa Senhora D'Abadia | 24 |
| 3.1.3 Batizados e Casamentos | 25 |
| 3.1.4 Rezas | 26 |
| 3.1.5 As Oito Horas | 26 |
| 3.1.6 A Elevação do Mastro | 27 |
| 3.1.7 Folia de Cipó | 27 |
| 3.1.8 Cultura na Escola | 28 |
| 4 PROCESSOS METODOLÓGICOS | 30 |
| 4.1 Caracterização da pesquisa | 30 |
| 4.1.2 Contexto da pesquisa | 31 |
| 4.1.3 Sujeitos da pesquisa | 32 |
| 4.1.4 Coleta de Dados | 32 |
| 4.1.5 Procedimentos para análise de dados | 33 |
| 4.1.6 Uma Análise dos resultados da pesquisa | 33 |
| 4.1.7 Entrevistas para Comunidade | 34 |
| 4.1.8 Questionários para os professores | 44 |
| 4.1.9 Questionários para os estudantes | 48 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 54 |
| REFERÊNCIAS..... | 55 |
| APÊNDICES | 57 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico é uma pesquisa de conclusão de curso, desenvolvida no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música pela Universidade Federal do Tocantins, no Campus Universitário de Arraias (Campus Buritizinho). Tem por objetivo proporcionar a busca pelo aprofundamento do conhecimento e fomentar a discussão dos aspectos pertinentes ao fortalecimento das manifestações culturais afrodescendentes presentes na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas no município de Cavalcante, estado de Goiás.

Assume como campo de pesquisa as manifestações culturais, a história, identidade e memória das manifestações culturais de matriz afro-brasileira, conhecida como “Festejos de Nossa Senhora D’Abadia. O ritual em questão caracteriza a resistência da diáspora dos povos afrodescendentes no Brasil e na região da Chapada dos Veadeiros e suas contribuições para o estudo da memória e identidade no cenário da cultura local.

A pesquisa busca compreender a história, a identidade e memória da manifestação cultural citada e de seus sujeitos protagonistas, tendo essas categorias como elemento constituinte da cultura de matriz afro-brasileira do município de Cavalcante, Goiás.

O procedimento metodológico desta pesquisa consiste em uma pesquisa qualitativa, tendo a história oral e a história de vida como aporte teórico e metodológico.

Tal percurso metodológico desponta para a ênfase no protagonismo do povo da comunidade Vão de Almas e suas formas de organização e manutenção dessa prática cultural, com destaque para suas especificidades e singularidades regionais.

O estudo parte do pressuposto de que é necessário que nós, estudantes da Educação do Campo, pesquisemos a respeito de temáticas que envolvem nosso cotidiano e que estejam relacionadas às nossas temáticas de estudos no decorrer do curso, com vistas à realização da práxis educativa e a contribuir com os registros das formas de existências e resistências dos povos do campo e suas práticas culturais que são perpassadas de geração em geração, sobretudo pela atuação da juventude dentro dessas manifestações.

Essa pesquisa pretende analisar e refletir acerca do processo histórico das manifestações tradicionais da comunidade durante o festejo de Nossa Senhora D’ Abadia e seus elementos centrais, como as danças, as folias e as canções folclóricas, as indumentárias, os cenários e a culinária. Observando como é e de que forma essas manifestações se fazem presentes em todos os espaços dentro da comunidade. Buscamos entender ainda, como ela influencia no fortalecimento e defesa da história, da identidade e memória do povo Kalunga,

ênfatizar também, como é feita a organização das músicas cantadas nessa manifestação, buscando compreender se essas manifestações têm relações construídas pelos homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e idosos na participação das cantigas, das rodas de músicas, danças e demais rituais.

As manifestações das danças, folias e cantos fazem parte de uma grande e rica cultura tradicional da comunidade Kalunga Vão de Almas, que vem de gerações muito antigas do povo Kalunga e que até hoje é vivenciada e comemorada em diferentes datas, que ocorre em todo decorrer dos meses e anos e este trabalho almeja registrar, analisar e entender esse processo de ensino cultural e geracional da/na comunidade.

Cada manifestação tem sua importância histórica, assim como a sussa, a folia e as músicas representam os rituais de cultura, religião, identidade e resistência de um povo que “conquistaram sua liberdade” através de suas lutas e manifestações como a capoeira, que há muito tempo foi e ainda é uma forma de resistência profunda em nossa história. Essa manifestação hoje também está muito representada dentro e fora da comunidade, presente em todas as manifestações da religiosidade católica dentro da comunidade, como também nas escolas da comunidade, que busca fazer uma ponte entre a cultura e a escola.

A pesquisa possui uma grande importância tanto para mim como Kalunga e pesquisador quanto para a comunidade, pois servirá como apoio de conhecimento para a escola nas suas formas metodológicas de levar o conhecimento da cultura local para dentro das salas de aulas, como também por mais um avanço esperado pela comunidade, a busca de valorização e reconhecimento perante a atual conjuntura. Por essa razão, acreditamos ser fundamental, apresentar a seguir, nossa motivação e envolvimento como pesquisador dessa temática.

O porquê da pesquisa? Sabemos que a comunidade é rica em saberes tradicionais, por ser uma comunidade bastante católica, me veio esse desafio em pesquisar como essas manifestações vêm sendo desenvolvidas e principalmente pelo fato de os mestres e mestras vivem reclamando que os jovens estão sem interesse de aprender a cultura desse lugar, e também quero me adentrar mais ainda, por ser um membro da comunidade, me sinto no dever em saber todo o processo das manifestações da nossa região.

O tema a ser trabalhado é de suma importância para toda comunidade, pois a partir desse trabalho e de outros já realizados poderemos ver os pontos negativos e tentar envolver a comunidade para tentar resgatar aquilo que está ficando perdido ou até mesmo já esquecido.

Trago como contribuição dessa pesquisa, o autoconhecimento que tenho da comunidade, como sempre estou bastante envolvido nessas manifestações e gostaria que

outros jovens também estivessem para auxiliar os anciões mestres a levar essa cultura mais adiante e até onde podem.

1.1 Memorial do pesquisador: motivações para realização da pesquisa

Sou Sivaldo Marques Rosa¹, nascido e criado na comunidade Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante - Goiás. Nela passei toda a minha infância, onde comecei a estudar aos oito anos de idade em uma escola pública formada por dois padres, Frei João e Frei Vanderlei juntamente com a comunidade na época, colocando então o nome de escola municipal “Vazantão”, local onde a escola se encontrava. Através desses dois padres tivemos as primeiras pessoas que conseguiram aprender a escrever os seus nomes, dentro e fora da escola. A partir daí algumas dessas pessoas que já sabiam ler e escrever, também começaram a dar aulas, com intuito de ajudar a comunidade, pois não havia nenhum tipo de políticas públicas que ajudasse a escola.

Tempos depois, quando a escola já estava mais oficializada com apoio da prefeitura municipal, iniciei minha vida escolar, onde eu estudava no período da manhã e ajudava meus pais na roça no período da tarde; nela eu estudei até a quarta série, pois na comunidade não tinha continuidade para seguir os estudos, então tínhamos que ir morar na cidade, mas este era outro problema, porque minha família não tinha casa na cidade e nem poderiam morar lá.

Com muita angústia e luta da comunidade pela inclusão de novas séries, no ano de 2003, foi implementada a quinta série em outra escola construída no ano de 2002 pela prefeitura, nomeada escola municipal Santo Antônio, que estudei até a oitava série. Depois disso tive que ir morar na cidade com alguns conhecidos para a continuidade dos meus estudos e também trabalhar para me manter durante esse período. Pouco tempo depois, já com 18 anos, morei no município de Alto Paraíso em busca de novas oportunidades de emprego onde trabalhei como jardineiro, e também finalizei o Ensino Médio.

Em sequência, após término do Ensino Médio, continuei trabalhando por alguns anos em Alto Paraíso, e lá mesmo através das redes sociais e amigos fiquei sabendo do curso de Licenciatura em Educação do Campo na UnB, mas infelizmente não consegui passar, logo depois fiz o vestibular na UFT e finalmente consegui entrar na Faculdade pelo sistema de cotas para negros, no ano de 2016, e meus pais ficaram muito felizes, pois fui o primeiro da família a ingressar numa faculdade.

¹ Para a subseção da introdução que traz uma escrita autobiográfica, utilizaremos a primeira pessoa do singular, visando tecer sobre as experiências de vida do primeiro autor do trabalho.

Desde então, já sabia que seria uma nova etapa na minha vida, de altos e baixos, mesmo assim deixei tudo para trás e fui morar novamente em Cavalcante para que eu pudesse fazer o ensino superior em Arraias- TO. Para minha surpresa, logo fui indicado e chamado para trabalhar em minha comunidade como professor na rede estadual, onde iniciei no dia 18 de janeiro de 2018. Minhas expectativas em entrar na faculdade eram por um diploma, pois na sociedade em que vivemos está exigindo muito isso, mas nesse ínterim entre a faculdade e a comunidade obtive cada vez mais vontade de estar na sala de aula e ajudando a comunidade como podemos.

Além disso, com o ingresso na universidade e sendo professor na comunidade me engajei mais ainda em minhas tradições culturais, e com esse papel de professor em meu local de origem sempre faço o possível, assim como os outros professores para que os nossos estudantes se adentrem cada vez mais nas manifestações culturais, buscarem interesse em saber de suas origens, bem como fazer pesquisas com temáticas culturais da comunidade no que se tem mais interesse.

Quando fiz o primeiro período na faculdade foi muito desafiador, porque minha visão de mundo era muito diferente do que eu imaginava ser, até porque eu era de comunidade e a especialização de alunos da cidade e alunos do campo também era totalmente diferente, principalmente na área da música, por não ter nenhum domínio nesse conteúdo musical. Mas com auxílio dos professores e alguns colegas que sempre me motivaram, me senti mais confiante e segui, hoje sou muito grato e me formando como pessoa.

O meu interesse sobre a temática ocorreu a partir da trajetória do curso e percebi que eu deveria fazer uma pesquisa relacionada com minha comunidade e dessa forma, quis trazer um tema sobre a memória da cultura e suas tradições, até pelo fato da importância que tem para mim e para os moradores dela. Penso que este trabalho será uma forma de valorização da identidade do meu povo, além de servir como apoio para as futuras gerações Kalunga, tanto como interagir mais com a cultura local, cultura essa que é bastante rica que vivenciamos no cotidiano.

As mesmas estão “se perdendo”, no sentido de que a participação da juventude está fraca e nem todos estão preocupados com suas identidades para seguir a diante. Penso também que por ser um membro dessa comunidade, me sinto na obrigação de trabalhar algo que esteja relacionado à minha vivência e do meu povo, enfim, essa pesquisa pretende alcançar sua relevância para minha formação, para a comunidade que faço parte e a toda a sociedade que venha a se interessar em estudar melhor esse assunto.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS RELAÇÕES COM AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO POVO KALUNGA

2.1. Educação do Campo: historicidade e epistemologias

A Educação do campo é uma das políticas públicas conquistadas pelas lutas e movimentos sociais que há muito tempo vieram nesse caminho em busca de direitos, onde alguns deles foram e continuam sendo o direito à educação de qualidade para os povos do campo.

Como tantas outras políticas públicas, a educação também deve entrar como prioridade na legislação do governo, a mesma que se refere ao Campo.

Tal como as Licenciaturas em Educação do Campo foram conquistadas a partir dos movimentos sociais camponeses com muita luta. Por quê? Porque ao mesmo tempo em que o governo diz estar conquistando avanços para a sociedade, ele está acabando com as escolas do campo fazendo com que as pessoas se afastem de suas comunidades.

Para a formação do nome “Educação do Campo” foi através de diversos debates para que houvesse uma inclusão de vários grupos de trabalhadores que atuam no meio rural, e até mesmo para não ficar como um nome meio pejorativo “Educação Rural” que em olhares e opiniões diferentes sempre vai diversificando os sentidos.

De acordo com a lei nº 9394/96 deu-se às resoluções 01/2002 e a 02/2008, bem como a resolução 08/2012 que trata das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar Quilombola. Para reafirmação das adequações aos planos de ensino com vínculo ao campo. Estas duas resoluções e o parecer nº 1/2006 vem como um caminho andado para que a educação do campo se protagonize com seus fundamentos e metodologias emancipatórias; não apenas isso como também a possibilidade de produzir suas próprias metas de ensino (ciclos, séries e alternância) de acordo com cada sistema de ensino, mas obedecendo às mesmas cargas horárias.

A educação Básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (BRASIL, Parecer 01/2006, p. 39).

Tem como destaque também os marcos a respeito de reconhecer as comunidades com seus saberes e culturas, mas quando observo em algumas escolas, os critérios que são colocados não são usados, deixando então as metodologias que abordam os saberes e fazeres de comunidades tradicionais de lado. Nos artigos da constituição determina que a formação

dos educadores para a educação do campo se faça de acordo com os artigos 12, 13, 61 e 62 apresentados na LDB, exigindo a incorporação nesses processos formativos, estudando sobre a diversidade cultural e o campo.

É importante lembrar que a política nacional de educação do campo reconhece e legitima o programa nacional de educação na reforma agrária (PRONERA) como elemento integrante desta política de estado. O Pronera é um programa que nasceu em 1998 com intenção de impulsionar a educação para a população rural e formar educadores para as escolas do campo, o mesmo cada vez mais vem sendo uma estratégia de democratização do acesso à escolarização para os trabalhadores da reforma agrária e conquistando direitos trabalhistas educacionais. A vontade da classe trabalhadora é que todas essas leis educacionais nos favoreçam, mas tudo depende da superestrutura do governo, o poder jurídico, executivo e legislativo. Mesmo eles dando o poder do voto para os trabalhadores, referente a isso, ainda são a minoria.

A educação básica do campo é um meio em que as comunidades Quilombolas, Indígenas, Assentados, MST, possam ter seus estudos concluídos junto e dentro do seu lugar de origem e que não possam perder seus costumes, levar a comunidade para dentro da escola, trabalhar com os jovens adultos e crianças a coletividade. Por isso que o governo atualmente tenta acabar com essa dívida, a educação do campo, para que elas se tornem como um campeonato devido à concorrência para ter maiores méritos e ideologias capitalistas.

A Educação do campo traz uma grande bagagem histórica que se refere às lutas que os movimentos sociais tiveram no passado para conseguirem ter um ensino de qualidade, com a garantia para seu futuro e que não atrapalhe o ensino aprendizagem no seu espaço de convivência. Mesmo com tantas expectativas que são levadas em pautas quando se consegue falar com algum representante do governo eles não levam a sério o que realmente queremos e acabam constatando de alguma forma que os camponeses não têm direito a uma educação de qualidade.

O fato de que algumas escolas da zona rural são desterritorializadas é inquestionável, pois a lei assegura que nenhuma dessas escolas possam ser fechadas, não importa o número de alunos, mas os sistemas de ensino não se interessam com o desempenho dos alunos, mas sim com as finanças que são recebidas e escondidas sem exercer sua função.

Em especial, a Universidade Federal de Tocantins (UFT), é umas das mais de 40 faculdades que ofertam o curso de Licenciatura em Educação do Campo, onde tem o papel de formar educadores, cujo intuito seja levar conhecimento ao alunado e aprimorá-los juntamente com os saberes regionais e locais do espaço escolar, priorizando suas necessidades humanas e uma educação de qualidade nas escolas do campo.

Sediada em Palmas, a Universidade Federal do Tocantins se espalha em vários campus no estado de Tocantins, ofertando esse curso em apenas dois deles, em Arraias no Campus Buritizinho e no Campus Tocantinópolis. O ingresso para o mesmo se faz por meio de vestibulares e processos seletivos baseado em duas modalidades, “ampla concorrência” e “cotas para indígenas e quilombolas”, com isso, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) em 2013 foi implementado esse curso de educação do campo, lançando um edital ofertando 120 vagas para seu ingresso, e no ano de 2014 o Campus Arraias Buritizinho acolheu a primeira turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em artes visuais e música.

O curso de educação do campo é um curso diferente dos demais, pois é ofertado presencialmente e em alternância entre tempo comunidade e tempo universidade, ou seja, o universitário passa uma temporada na universidade e outra na comunidade, para que não perca o vínculo com sua -vivência nas comunidades e assentamentos e nem com a universidade, pois a mesma também vai até as comunidades em diversos encontros, como também turmas subdivididas em “comunidade Arraias” e “comunidade

Diversidade”, especificando que a comunidade Arraias são os acadêmicos que moram em Arraias e Comunidade Diversidades são os estudantes que vêm de outras regiões, Cavalcante de Goiás, Teresina de Goiás, Divinópolis de Goiás e entre outras localidades; Tendo duração de 8 semestres, totalizando 4 anos de universidade e 3.300 horas de carga horária.

Em conclusão, vimos que esse curso tem seus valores e que realmente se preocupa com uma educação de qualidade nas escolas rurais, fazendo jus à lei Nº 9.394 de 96, no artigo 1ª da educação e promovendo equidade social dentro das universidades.

Ilustração 1 - Tempo Universidade



Fonte: registro de Marques Rosa (2022)

Ilustração 2 -Tempo Comunidade (oficina de instrumentos).



Fonte: registro de Marques Rosa (2022)

2.1.1. Memória do Festejo Kalunga

Este trabalho de pesquisa cujo tema é “História, identidade e Memória da Manifestação Cultural- Festejo de Nossa Senhora D’Abadia da Comunidade Kalunga do Vão de Almas em Cavalcante-Goiás”, a comunidade está localizada no norte goiano e se encontra cerca de 70 quilômetros da cidade. Em todo território Kalunga se encontra aproximadamente 400 famílias que vivem nesse local por pelo menos 300 anos, e só foi reconhecida em 1991 pelo governo do estado de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, que também é parte do patrimônio cultural do Brasil.

Para sua realização, buscamos o diálogo mais próximo com a comunidade dentre líderes, professores e estudantes da comunidade para falar sobre a cultura local e como está sendo o desenvolvimento da mesma dentro da comunidade, e também buscar biografias para afirmar alguns conceitos propostos, como memória, identidade e cultura. Com isso fizemos o diálogo com Maurice Halbwachs (1950), Durval Muniz

Albuquerque (1994) entre outros autores que enfatiza muito a Memória, História e Identidade, e também alguns estudos realizados por Quilombolas Kalunga.

É importante ressaltar que as manifestações culturais são um assunto muito falado e muito importante para todo o território Kalunga, seja a dança, músicas e cantigas no qual tende valorizar e compreender.

As mesmas englobam a memória coletiva, porque há um grupo de anciões que guardam os saberes que há muito tempo vem sendo importante para toda a tradição e cultura da comunidade. Sendo assim pretendo buscar meios para que nunca fique esquecido no futuro, deixando um registro daquilo que poucas pessoas tiveram o interesse de pesquisar.

O festejo já existe a mais de 200 anos, de acordo com a cronologia das famílias de alguns idosos através de relatos orais, quando dizem que desde crianças seus pais e avós já frequentavam esses festejos, mas antes disso no mesmo local onde hoje é o festejo existia uma aldeia indígena, que não sabemos seus grupos originários. Quando nossos antepassados foram se povoando, eles saíram daquele local deixando uma santa em cima de um toco, que é Nossa Senhora D’Abadia, dessa forma construíram a igreja neste local onde a santa foi encontrada, e desde então deu início às novenas em devoção.

E diferentemente de outras manifestações, a de Nossa Senhora D’Abadia não tem giro de folia como acontece em outras celebrações divinas na comunidade, apenas as atrações contidas no decorrer da novena, exceto na finalização do festejo com a folia de cipó, que passa de barraco em barraco.

A territorialidade se mostra muito importante, pois, envolve muito mais do que apenas toda comunidade se juntar por um bem comum naquele momento, sobretudo a história de um povo, a identidade ali expressa e reconhecida por si e por todos os presentes, materializando seus atos de fé na continência diante da bandeira, dentro da igreja, nas rezas e cantigas.

Diante disso os líderes, anciãos da comunidade sempre se empenham para o fortalecimento e permanência do festejo, com apoio dos jovens da comunidade; seguindo esse conceito, o trabalho tenta registrar a memória e história do festejo, uma das atrações mais antigas que é constituída pelas lideranças e moradores.

2.1.2. Conceito de Memória

A memória é um vocabulário de palavras, é uma forma de pesquisa, porque nela você busca informações e vestígios, sejam eles textuais ou orais, no qual é uma fonte mais utilizada nessa pesquisa, os fatos obtidos através de experiências vividas no passado, tentando preservar a identidade dos sujeitos históricos que mergulham nas profundidades do tempo transcorrido.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, p. XIX. *apud* BARROS, 2009, p. 42).

A memória coletiva é a fonte que nos faz reconhecer o passado, através das histórias contadas que vai passando de gerações para gerações, sem perder muito o seu foco principal. Como afirmam Santos e Araújo em um artigo (2007), memória seria o resultado da impressão de eventos reais na mente humana. A memória é o resultado de ações vivenciadas ou ouvidas pelo sujeito no passado, que são utilizadas hoje para lembrar e trazer ênfase naquele momento presente.

No entanto, memória coletiva é um conjunto de pessoas que trabalham juntos por um mesmo motivo, acredito que ela reafirma aquilo que já foi dito por outro indivíduo. Portanto, Halbwachs afirma que:

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. (HALBWACHS, Maurice., 1950, p.81)

Dessa forma a memória coletiva não depende apenas de um indivíduo e sim de um grupo que esteja envolvido nos fatos que acontecem.

A memória diferencia-se da história em alguns aspectos: a memória busca registrar ideias de um indivíduo que o constrói, já a história é um momento em que o indivíduo tenta conhecer o passado do outro através da memória. Para Albuquerque (1994):

As memórias falam de outros apenas enquanto caminham para falar do próprio indivíduo, a história é trabalho de indivíduo que quer conhecer o outro, interpretá-lo. As memórias nascem de uma relação consigo mesmo, a história nasce de uma relação com o outro, com a alteridade.

Sabemos que a memória está sempre presente na história, e a comunidade tem isso arraigada dentro de cada Kalunga ali presentes, até mesmo os jovens que porventura deixam isso passar sem importância no ponto de vista de alguns deles. A cultura, sabedoria e tradição estão tudo junto com a memória e saberes que esse povo têm, considerando cada uma delas em seus aspectos históricos.

A memória é um sentido inato do ser humano, e se revela a cada instante e a todo tempo, pois as lembranças fazem parte da humanidade. Pensando desta forma acredito que toda nossa vivência, toda nossa memória é contemplada sempre coletivamente, mesmo estando sozinhos ao presenciarmos algo ou lembrar-se de algo. Ao realizarmos uma ação a partir de uma lembrança vivida e contada pelos nossos mais velhos, objetivo dessa pesquisa, não estamos realizando sozinhos, pois sempre temos uma memória coletiva, e para reforçar essa ideia trago Halbwachs (1950): “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”.

2.1.3. Conceito de História

Cabe destacar que não existe história sem memória e nem memória sem identidade, pois é através disso que nos encontramos e encontramos nossas fontes de pesquisa.

Em conclusão, a história retém do passado e depende da memória em seu ato de construção, agrupando e classificando seus fatos passados, ou seja, a memória; Porquê se não há memória dificilmente haverá registro para uma investigação histórica, sobre nós, sobre nossa história, e quem são nossas fontes de pesquisas? Nossos anciões, pois são eles que vivenciaram aquele tempo e evento percorrido.

Nós, jovens, temos o papel de manter e dar continuidade em nossa história através da memória viva dos nossos velhos, somos herdeiros de uma história sem esconder a verdadeira “capa”, nossa história faz muito sentido em nossa essência humana, em nossa cultura e em nossa identidade hoje.

A história, como produção de conhecimento, não o induz ao afloramento de lembranças registradas pela memória, como procura, por meio de um tratamento acadêmico racional, ordenar os vestígios, relacionando-os a trama de reconstituição do processo histórico em todas as dimensões que lhe são peculiares. [...], Um segmento caracterizado por utilizações de metodologias apropriadas a produção do conhecimento, a recuperação de informações sobre o passado e a realização de análises e interpretações sobre esse mesmo passado. (NEVES, p.109, 2000.).

2.1.4. Conceito de Identidade

A palavra identidade pode ser definida como o modo em que as pessoas reconhecem a si mesmo ou a outros, pertencentes de um povo ou grupo social, se tornando mais relevante quando o determinado grupo tende a padronizar suas línguas e suas culturas diante da sociedade.

Não é fácil falar sobre identidade sem antes saber sobre a história e a memória, pois estes três conceitos andam lado a lado e um é complemento do outro nessa trajetória. A identidade também apresenta variadas unidades de compreensão histórica, social e individual, pois ela não se define em apenas um conceito definitivo, desta forma, a partir de algumas pesquisas ficou compreensível que ela também vem se transformando devido à globalização. De acordo com Stuart (2006):

As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global".
As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades - híbridas - estão tomando seu lugar. (STUART, 2006, p. 45)

Ou seja, a sociedade vem trazendo formas para que as pessoas de um determinado grupo social se afastem de seus costumes, acarretando o esquecimento e distanciamento de seus vestígios históricos.

O reconhecimento de si mesmo é a melhor forma de resgatar e manter a memória do seu povo, e na comunidade Vão de Almas isso é bem percebido pelas crianças, pelos jovens e adultos, através do estilo de vida, e principalmente, eles se reconhecem como Quilombolas

Kalunga; outra forma de identificação da identidade Kalunga é a forma de vivências dentro da comunidade, com a agricultura e costumes culturais perpassadas através da oralidade, quem é bem presente nesta pesquisa.

A história oral também é um modo de representatividade coletiva e de identidade, pois a partir dela é retratada pelos mais velhos a herança territorial, espacial e memorial do nosso povo Kalunga.

3 MANIFESTAÇÕES NO FESTEJO DE NOSSA SENHORA D'ABADIA E SEU ECLETISMO CULTURAL: UM GIRO PELO TERRITÓRIO KALUNGA VÃO DE ALMAS

O festejo de nossa Senhora D'Abadia, denominada por nós Kalunga de Romaria, é a reunião de um todo, das manifestações presentes na comunidade, e todos os anos a mesma se junta no seu centro, para celebrarmos as nossas divindades que é de total importância para nós como “Quilombolas Kalunga Católicos”. Contudo, foram dois anos seguidos sem a realização do festejo, no ano de 2020 e 2021 por ocasião da pandemia que teve consequências globais, em virtude da Covid-19.

Durante esses dois anos a comunidade e os órgãos municipais decidiram evitar o acontecimento, pois seria um momento de muita aglomeração, com isso traria perigo para a comunidade local, mas mesmo desta forma, no dia 15 de agosto dia de Nossa

Senhora D'Abadia algumas pessoas da comunidade foram até o local e fizeram a reza, demonstrando seus atos de fé e pedir a Deus proteção divina contra todos esses males que vieram acontecendo em todo o mundo.

O festejo é de Nossa Senhora D'Abadia, porém é realizado também o império do Divino Espírito Santo, porque antigamente as pessoas mais velhas decidiram juntar essas duas manifestações em um só festejo. O dia do Divino é celebrado no mês de maio, e como restaria apenas dois meses para agosto que é o mês de celebração da santa, entraram em consenso e fizeram a junção, ficando então o império do Divino no dia 14, e Nossa Senhora D'Abadia 15 de agosto.

Antigamente não era exatamente um festejo, era como uma festa de “boca de noite”, iam lá rezava e iam embora novamente, mas o tempo foi passando e começaram a fazer novenas, porém não tinham tantas atrações como na atual conjuntura, mas ficavam no local por alguns dias fazendo as devoções, com rezas e alvoradas (folia) ao redor da igreja e nos barracos (casa) das pessoas todos os dias, posteriormente que começaram a fazer os impérios.

As mulheres têm um papel muito importante na organização dos Impérios e na festa em um todo, pois se juntam para arrumar as vestimentas, os enfeites e comes e bebes das celebrações e das rezas. É costume dos impérios colorirem as varas, bebidas e todo o local de papéis e flores coloridas para deixar o lugar mais harmonioso e alegre.

3.1. Império do Divino

O império do Divino é uma celebração (cortejo), que acontece todos os anos, durante o festejo na data do dia 14 de agosto, que teve início nos anos 1950, segundo alguns mais velhos da comunidade. Relatam que quando um homem vindo de Cavalcante, chamado Raimundo deu a ideia de fazer um império junto das novenas já existentes na comunidade e no mesmo local, onde ele foi o primeiro encarregado desse império.

Para melhor entendimento, é um cortejo realizado do barraco (casa) do imperador até a igreja da Capela, onde são feitos gestos de bênçãos com o pai de estoque (espada) e a bandeira ao som de instrumentos. Para que aconteçam todos os anos, o imperador presente faz uma escolha de forma secreta do próximo encarregado do império no ano seguinte, que só é revelado após esse cortejo e a reza na igreja.

Para constituição do império temos dois anjos, protagonizado por duas crianças do sexo oposto; um imperador, não necessariamente casado formalmente é responsável por toda a organização e realização desse império, com alimentação, bebidas e decoração do seu momento imperial; Um afélio da bandeira é uma pessoa que conduz a bandeira do Divino durante todo o cortejo, fazendo a venda (movimentos transversais) entre as pessoas presentes no império e de frente para o quadro imperial (quatro varas decoradas com cerca de 3 metros de comprimento), onde estar o imperador e os anjos; Um pai de estoque que conduz a espada onde faz os mesmos movimentos transversais de frente ao quadro imperial com a espada; um mordomo que anda em todo festejo no dia 13 ou 14, isso fica a critério do encarregado, para que esse mordomo arrecade dinheiro e nomes de possíveis encarregados para o ano seguinte; Quatro homens para segurar as varas do quadro onde o imperador juntamente com os anjos vão se posicionar durante esse cortejo e cerca de cinco serventes para servir os comes e bebes após a vinda do imperador da igreja.

Já a vestimenta do encarregado é um conjunto de paletó e uma coroa, dos anjos e os afélios precisa ser vermelha, simbolizando a cor da bandeira do Divino.

Ilustração 3- Venda da bandeira



Fonte: registro de Marques Rosa (2022)

Ilustração 4- Império do Divino



Fonte: registro de Marques Rosa (2022)

3.1.2. Império de Nossa Senhora D'Abadia

O império de Nossa Senhora D'Abadia também é uma celebração (cortejo) como a do Divino, que também teve início nos anos de 1950, após terem realizado o império do Divino, dessa forma decidiram fazer o de Nossa Senhora D'Abadia, porém tem algumas pequenas mudanças. Esse império é realizado no dia 15 de agosto, dia de

Nossa Senhora D'Abadia, em forma de cortejo saindo do barracão do festeiro até a igreja, onde também são feitos gestos de bênçãos com o pai de estoque (espada) e a bandeira ao som de instrumentos. Para que aconteçam todos os anos, o rei e a rainha presentes também fazem uma escolha de forma secreta do próximo encarregado do império no ano seguinte, que só é revelado após esse cortejo e a reza na igreja.

Para a constituição do império de Nossa Senhora D'Abadia é necessariamente um casal casados formalmente, serão responsáveis por toda a organização e realização desse império com alimentação, bebidas e decoração do seu momento imperial; Dois anjos do sexo oposto que são crianças, um afélio da bandeira que é uma pessoa que conduz a bandeira de Nossa Senhora D'Abadia durante todo o cortejo fazendo a venda (movimentos transversais) entre as pessoas presentes no império e de frente para o quadro imperial (quatro varas decoradas com cerca de 3 metros de comprimento) onde estará o rei a rainha e os anjos; Um pai de estoque que conduz a espada onde faz os mesmos movimentos transversais de frente ao quadro imperial com a espada; Um mordomo que anda em todo festejo no dia 14 ou 15 arrecadando dinheiro e nomes de possíveis encarregados para o ano seguinte; Quatro homens

para segurar as varas do quadro onde o rei e a rainha esta juntamente com os anjos vão se posicionar durante esse cortejo e cerca de cinco serventes para servir os comes e bebes, após a vinda do imperador da igreja.

Como no Império do Divino, o da Nossa Senhora D'Abadia também tem a vestimenta conforme a imagem da bandeira, assim sendo, a rainha e os anjos se vestem todos de branco e o rei com um paletó e uma coroa.

Ilustração 5- Bandeira do Império



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012).

Ilustração 6 - Festividades



Fonte: G1-Globo (2019).

3.1.3. Batizados e casamentos

Nós, Kalunga, temos uma crença de batizados em casa e na Igreja e os mesmos são realizados sempre no dia 16 de agosto na igreja, e essa celebração se tornou muito comum durante o festejo, porque o padre sempre vai à comunidade durante o festejo para realização de batizados, casamentos e missas no decorrer dos dias no festejo.

O batizado em casa é uma celebração simples com pequenos gestos e alguns “pés de palavra” (rezas pequenas) feitos por quem está ministrando o batizado, juntamente com os pais da criança e os padrinhos, com um prato de água na mão, um ramo verde e uma vela acesa, não sendo necessária a presença do padre; Já o batizado na igreja é diferente, pois é o padre que ministra toda a celebração com os rituais da igreja católica.

O casamento é uma celebração religiosa que antes aconteciam no dia 15, dependendo da organização de horários das outras manifestações e do padre. Na atual conjuntura não é mais comum acontecer durante o festejo porque como diz os mais velhos da comunidade “As pessoas hoje não querem mais se casar, só amigar mesmo, não acham mais importante fazer o casamento na igreja.”

Ilustração 7- Momento do batizado



Fonte: Registro de Marques Rosa (2019)

3.1.4. Rezas

A reza é uma das principais manifestações religiosas da comunidade em um modo geral, pois para cada divindade as pessoas se reúnem nas moradias durante o decorrer do ano para fazer essa celebração de agradecimento a Deus, expressadas através de cantos e orações.

As rezas é o resultado de agradecimento e fê em Deus, neste momento que as pessoas se ajoelham e pede a todos os santos, a proteção e equilíbrio na vida social da comunidade. Sendo assim as rezas se torna um ato muito importante e preciso para todas as ocasiões festivas e devotas do Vão de almas.
(RODRIGUES, 2022, p.15)

Na romaria, as rezas acontecem todos os dias durante o festejo no início da noite, como também nos dois impérios, quando chegam dentro da igreja, e no decorrer dos anos de janeiro a dezembro temos nossas datas de divindades. Em vista disso, realizamos nossa devoção nos dias de divindade, com folias e rezas, porém nem todas têm folia, somente a reza durante o dia ou à noite.

3.1.5. Às oito Horas

Às oito horas um dia antes de cada império, no qual sua celebração é realizada, também através de um cortejo, em todo o festejo e em volta da igreja com candeias de cera acesas, simbolizando a véspera de um novo acontecimento que será no dia seguinte, ou seja, o império do Divino e de Nossa Senhora D'Abadia, fazendo amostra também dos enfeites já realizados para o império.

As candeias são feitas de cera de aratim, uma abelha encontrada no local com linhas de algodão que é posicionada numa vara para que as pessoas possam segurar sem se queimar.

Ilustração 8 - Cortejo



Fonte: Registro de Marques Rosa (2022)

3.1.6. Elevação do Mastro

A elevação do mastro acontece no dia 13 de agosto em frente à igreja, onde é feito um rodízio três vezes ao redor da igreja com a bandeira e as candeias acesas ao som de cantos e instrumentos, o mastro é o guia do festejo daquele ano, no entanto a cada ano que se passa o mastro é trocado e elevado, mostrando que o festejo de Nossa

Senhora D'Abadia vai iniciar.

O mastro é uma madeira comprida e roliça com a bandeira, mas não é qualquer madeira, ele tem que ser de uma árvore que cresce bastante e não engrossa, onde na comunidade Vão de Almas se utiliza com mais frequência a árvore chamada pindaíba, porque é a que mais cresce segundo os mais velhos, e quando não se encontra utiliza-se o jequitibá. A retirada da madeira do mastro acontece algumas semanas ou até meses antes do festejo, porque onde se encontra é de difícil acesso.

Logo após a retirada do mastro antigo, posiciona-se a bandeira no mastro (madeira com altura bem elevada) novo, e faz-se uma fogueira com o que retiraram; Ao final do festejo no dia 17 é retirada a bandeira.

3.1.7 Folia de cipó

É uma pequena folia organizada no final do festejo (dia de falha) no dia 16 de agosto no início do dia, fazendo um rodízio em todos os locais do festejo, para os mestres também é

um ato de celebração em agradecimento a Deus e aos romeiros pelos dias presenciados na capela, com a presença da bandeira de Nossa Senhora das Neves, acompanhada também por dois jovens do sexo oposto para arrecadação de dinheiro para os encarregados do festejo do próximo ano, que durante as folias é chamada de pedido de esmolas, como também para ajudar na manutenção no local do festejo no decorrer do ano.

Nesta folia, assim como as outras também tem o guia que toca a viola, o caixeiro que toca a caixa durante todo o percurso assim como o guia, e o arfélio que conduz a bandeira além dos dois jovens presentes. A folia é reunida e sai da igreja fazendo o rodízio na corrutela, que é todo o local ali presenciado, cantando e tocando, os romeiros se sentem muito lisonjeados com a presença da folia nos barracos, onde em alguns barracos recebem lanches e bebidas.

No final do dia é hora de arrematar a folia, que chamamos também de entrega da folia, no mesmo local da saída, e nesse mesmo momento após os cantos de arremate fazemos a reza que é o último momento cultural no festejo de Nossa senhora D'Abadia no vão de Almas.

3.1.8. Cultura na Escola

Focada no âmbito educacional, as especificidades da vida no campo também devem ser levando em consideração nas metodologias de ensino, em quaisquer modalidades, pois a estimativa de desterritorialização de estudantes que saem de suas comunidades em busca de novos caminhos é grande, e com o auxílio da escola, da própria comunidade trabalhando suas próprias vivências, poderá impedir essa ocasião, como também é acordo com a lei n.9. 394 de 1996, Art. 28.

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Em meio à pandemia todo o desafio se agravou, porque os alunos sem conexão de internet em casa, e pelo alto número de casos de infecção com o vírus covid-19 no município a escola estava fechada para as aulas, isso prejudicou muito em todos os âmbitos mundiais, principalmente educacionais.

Nesse contratempo, estávamos e estamos presenciando uma conjuntura, cujo anseio seja o capital e esquecemos que vivemos em um mundo de diversidade que requer cuidados e mudanças construtivas sem danos em quaisquer das partes, porque se uma área é afetada, acaba que a outra também, é no caso a educação que ainda não tem formas adequadas para desarraigar esses retrocessos. Naquele momento, enquanto professor, corríamos atrás, fazíamos busca ativa nas casas dos estudantes para que não pudessem “perder um ano” letivo, pois prejudicaria ainda mais o desenvolvimento dos alunos nesse período.

Depois de passado os momentos difíceis, a escola retomou as aulas com alguns cuidados sanitários dentro e fora da sala de aula, tentando reaver o que já haviam visto nos conteúdos estudados pelas apostilas que usavam em casa durante a pandemia, nesse novo início pós-pandemia também foi muito difícil, tanto para nós professores como para os próprios estudantes.

Em razão dos saberes culturais, nós professores sempre trazemos em nossos métodos e planejamentos, formas para que haja inclusão cultural da comunidade, em datas comemorativas e conteúdos curriculares, fazendo interação e diálogo entre os estudantes e nós professores, porque os estudantes ficam na escola uma parte do seu tempo, estão ali mesmo é o local ideal para aprofundar nesse ensinamento.

4 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Este capítulo trata-se de todo o processo de pesquisa, iniciando-se com a caracterização da pesquisa, explanação da comunidade campo de pesquisa e os fundamentos necessários para realização de uma pesquisa.

4.1. Caracterização da pesquisa

Esse trabalho é de cunho qualitativo, pois buscam meios mais comuns aos entrevistados para conseguir os resultados da pesquisa, como experiências próprias; entrevistas e questionários, pois a pesquisa tencionou investigar durante uma pesquisa-ação as manifestações e suas peculiaridades. De acordo com Creswell (2007, p.186)

A pesquisa qualitativa ocorre em cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local, onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso Permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes. [...]A pesquisa qualitativa é emergente em vez de estritamente pré-configurada. Diversos aspectos surgem durante um estudo qualitativo. As questões de pesquisa podem mudar e ser refinadas à medida que o pesquisador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. [...]

No entanto, esse tipo de trabalho também observa os pontos característicos da pesquisa como: subjetividade e opinião pessoal, para alcançar o objetivo final. Quando o pesquisador tem uma ligação direta com o objeto de pesquisa, surgem métodos que auxiliará no desempenho da busca de respostas em detrimento da pesquisa, e nela serão abordados os aspectos culturais dentro e fora da escola, os elementos visuais e sonoros presentes nessas manifestações culturais bem como o papel da escola diante do resgate e valorização cultural na comunidade local.

A fim de firmar essa proposta, essa pesquisa será baseada em experiências próprias com foco direto aos possíveis colaboradores que serão os próprios moradores, professores e estudantes. Assim, ao me aprofundar como participante da pesquisa terei influência e argumentos para redigir perguntas juntamente com os sujeitos da pesquisa.

A pesquisa além de abordar vários métodos de investigação, permitiu que tanto as questões quanto os resultados fossem objetivos para o leitor observar e compreender o assunto abordado.

O depoimento oral é a forma tradicional que são transmitidas verbalmente os saberes e fazeres da comunidade, que é perpassada de geração em geração nos discursos dos mais

velhos ao contar uma história, um caso e até mesmo durante as manifestações culturais no momento das cantigas de folias, rezas cantadas entre outras formas que antigamente utilizavam para se comunicar, sendo oralmente, e para ressaltar essa ideia explorei a teoria/prática de Ferreira (2006): “Isto acontece porque antigamente o sistema escrito era mais escasso dentro da comunidade, por este motivo também, que o folclore é um requisito que mais abrange a cultura oral.”

Como os Kalunga, ainda existem outras culturas que transmitem seus conhecimentos através da oralidade, como os indígenas; porque sabem que essa forma de conhecimento mesmo não sendo valorizada pela sociedade tem importância para a história de um povo e sua identidade.

A história oral é considerada o meio mais eficaz de entender um fato, uma história, como também de pesquisar, porque a oralidade se torna uma ponte entre o ouvir e o escrever, por isso sua importância em um todo; A oralidade é o meio em que são repassados os ensinamentos na comunidade Vão de Almas. Desta forma essa pesquisa se estende nessa prática da oralidade através das entrevistas com os mais velhos e os questionários com os professores e alunos da escola e a comunidade.

4.1.2. Contexto da pesquisa

Segundo os anciões da comunidade, os primeiros quilombolas a chegarem ao local vieram da Bahia, que era transportado da África para as lavouras de café, Cana de Açúcar entre outros, como também já existiam índios na região, inclusive onde acontece o festejo hoje.

A comunidade ainda continua sendo uma das mais carentes da região, por falta de estradas boas, amparo na educação e saúde, por outro lado, ela é bastante rica em ritos tradicionais e belezas naturais.

A educação e cultura é o campo de pesquisa, voltada especialmente para o Colégio Calunga I Extensão Santo Antônio que é localizada na comunidade, onde atualmente atende cerca de 135 estudantes, sendo da rede municipal e estadual. Esta escola foi formada no ano de 2002, numa pequena estrutura construída pelos próprios moradores, atendendo as séries iniciais, Logo depois implementaram outras etapas de ensino onde os estudantes concluíam até a oitava série do ensino fundamental e saiam da comunidade para completar seus estudos na zona urbana de Cavalcante ou até mesmo em outras cidades mais próximas.

Através do deslocamento dos estudantes para a cidade, os líderes e pais e professores de alunos lutaram pela existência de uma escola com minimamente salas de aula para uso, bem como séries mais avançadas para que os estudantes pudessem dar continuidade nos estudos sem sair da comunidade local. Porém somente em 2012 foi inaugurado o Colégio Estadual Calunga I Extensão Santo Antônio, atendendo mais estudantes e com salas habilitadas para uso.

O festejo que é o campo de pesquisa se encontra bem centralizada na comunidade, onde todos os anos no mês de agosto são celebrados as seguintes ações:

Império do Divino, Império de nossa senhora D' Abadia, levantamento de mastro entre outras manifestações religiosas Kalunga. O mesmo acontece entre os dias 11 a 17 deste mês, e toda organização é feita pelos líderes e voluntários da comunidade.

4.1.3. Sujeitos de pesquisa

Este trabalho aconteceu na comunidade Kalunga Vão de Almas, onde foi constituída pelos métodos de coleta mencionados anteriormente com alguns moradores, professores e estudantes; sujeitos que conhecem e vivem na comunidade, e para um melhor aprofundamento sociocultural e geracional, os sujeitos da pesquisa têm idades variadas entre 12 aos 70 anos de idade.

Foram aplicados 5 questionários para estudantes de cada turma, turma do ensino fundamental do 6^a ao 9^a e ensino médio 1^a ao 3^a; 2 questionários para dois professores das disciplinas de artes e um de ensino religioso, e por fim 5 entrevistas com 5 pessoas da comunidade.

4.1.4. Coleta de dados

O foco da pesquisa foram as manifestações e seus elementos visuais e sonoros e a escola. Para coletar esses dados, fizemos o uso de entrevistas com moradores e questionários com os professores e estudantes, são eles os sujeitos das pesquisas indispensáveis para obtenção do resultado da pesquisa.

As entrevistas aconteceram nas casas, iniciando com uma bela conversa aberta, para que eles pudessem nos oferecer informações básicas em relação às manifestações presentes dentro da comunidade, passagem de conhecimento sociocultural, as histórias e estórias que também achei pertinentes ouvi-las para maior entendimento em partes deste trabalho.

Assim diz Creswell (2007, p.186):

[...] Os pesquisadores qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados e tentam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo. [...], além disso, os métodos reais de coleta de dados, tradicionalmente baseados em observações abertas, entrevistas e documentos, agora incluem um vasto leque de materiais [...].

O outro método de coleta de dados aplicado foi o questionário na escola para os estudantes e professores, para compreendermos como as manifestações culturais são abordadas nas aulas e como é a interação entre a comunidade e a escola, referenciando os saberes populares que são herdados dos nossos antepassados e repassados aos poucos até a conjuntura atual em que vivemos. As observações foram durante as aulas em que participei, como também nas tradições que ocorrem no decorrer dos anos.

4.1.5. Procedimentos para análise de dados

As entrevistas ocorreram de forma livre e objetiva, para serem organizadas e depois transformadas em um material de apoio para comunidade futuramente. Todas as conversas foram baseadas em diálogos para que haja interação entre pesquisador e entrevistado, desta forma se tornou mais compreensível de entender os procedimentos cabíveis durante o andamento da pesquisa. Fundamentada na teoria de Creswell (2007, p, 194):

O processo de análise de dados consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem. Envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados.

4.1.6. Uma análise dos resultados da pesquisa

Discorreremos aqui a parte analítica desta pesquisa, onde buscamos os dados a partir das questões que nortearam este trabalho. Com enfoque nisso procuramos um diálogo entre as respostas dos questionários e as entrevistas com os pressupostos teóricos da pesquisa, compreendendo a relação entre si.

Sobretudo, é de suma importância reconhecermos também que o diálogo, a oralidade são modalidades que deveremos apreciar muito, porque para nós Kalunga, que há pouco tempo estamos nos tornando pesquisadores e precisamos defender e sermos reconhecidos por isso, pois todas elas são feitas a partir da oralidade com os nossos velhos. E nesse trabalho o

enfoque maior além do diálogo com os anciões foi sobre o festejo de Nossa Senhora D'Abadia, o que é exposto nas questões das entrevistas e os questionários.

4.1.7. Entrevista para a Comunidade

O plano de busca na parte das entrevistas foi exatamente saber sobre tudo que envolve o festejo, para associarmos aos descritos anteriormente e para melhor entendimento do leitor, como também de acordo com a variação linguística de cada entrevistado.

Nesta seção foram entrevistadas cinco pessoas, três mulheres e dois homens, com idade entre 49 a 75 anos de idade e composta por nove questões.

1- Quando e como você conheceu e se envolveu com o festejo de Nossa senhora D'Abadia?

Entrevistada 1: *Eu conheci desde mim criança, quando eu entendi. Eu fui entendendo foi vendo meu pai indo todo ano pra romaria, e aí desse tempo, so parei esses dois anos por causa da pandemia, mas desde eu criança.*

Entrevistada 2: *O festejo de Nossa Senhora D'Abadia, quando eu tinha meus dez anos eu já conhecia, que quando eu nasci já tinha ne, meu pai mais minha ia, meus avó ne, que eu conheci, e daí pra cá a festa nunca acabou, antes já tinha ne, mas eu lembro mais é so de meus dez ano pra cá que eu lembro, nunca parou. **Entrevistada 3:** *Oia, antes era assim, eu conheci não tinha império era uma festa que dava até comida na festa, eu era uma menina, aí dava comida, quando era a noite tinha o reinado, arrumava parecido o rei mas num era, num tinha coroa, arrumava um homem e uma mulher parecendo como se fosse um rei e uma rainha, era de noite que fazia esse reinado, aí toda vida tinha folia que a gente fala folia de cipó, tinha procuradeira, tinha fulião que cantava, mas a festa antes do império era assim, tinha o reinado que dava comida.**

Entrevistado 4: *Conheci o festejo através de meus pai, porque na epa das festa, sempre quando tinha as festa a gente ia todo ano, e aí a gente foi tomando conhecimento da festa ne, a gente era mais pequeno não conhecia nada, foi crescendo e entendendo algumas coisas ne, sobre os impérios mesmo, porque na epa a gente nem dava ligança, eu nem ligava pro império, chegava na hora o povo tava mexendo com império, e eu tava era jogado pro campo caçando era meu cavalo e aí depois que fui crescendo que fui incentivando ne, falei, não! Império é trem bom da gente participarmos, aí passei a trabalhar na tradição ne, fazendo os trabalhos do império, e nisso vem rolando a muito tempo, sojáfaiei durante essa festa, depois que entendi por gente, depois de dez ano, sobre essa idéia de festa ne, faiei esse ano dessa pandemia 2 ano que foi ne, e no mais um ano que*

peguei outra festa numa outra capela, foi na pedra preta, no mais só na romaria mesmo. Durante só perdi três festa na idade que eu to, é sempre La direto, acompanhando essa tradição ai do festejo, que eu gosto de incentivar os outros que não sabe ne, ai evai pegando ne, se perguntar o que significa aquilo ali, ai a gente fala é isso é aquilo ne, é importante, ai muitos vai aprendendo ne, aprendendo essas tradição que a gente sabe.

Entrevistado 5: *Quando eu intendi por gente e dei pra andar assim, eu já conheci ele, que nesse tempo, até pouco tempo pra cá, talvez nem ocê conhecia, rancho, casa era pouco, o povo ranchava era no cipoá, depois que deu umas chuvada em agosto que o povo caprichou e fez as casa os barraco.*

Como podemos ver, os entrevistados desde a muito tempo teve uma vivência e convivência com festejo de Nossa Senhora D'Abadia, e desde então sabem da importância e o interesse de continuar com essa tradição de sair de casa, levar seus filhos pequenos, até mesmo de colo para que tenham o contato desde muito cedo com o espaço convivido ali naquele tempo, pois ali também é a segunda casa onde vivemos, mesmo que seja por apenas uma semana, muitos até mais de uma semana, pois todos os anos, no mês de julho já vão e começam a fazer arrumações nos ranchos que por ventura faz rachaduras, arrancam palhas ou até mesmo caem.

2- Qual o significado do festejo de Nossa senhora D'Abadia para a comunidade?

Entrevistada 1: *O festejo, as pessoas já acha ali um momento muito bom, das pessoas encontrar ali na romaria, que vem gente de todos lado, os parentes, e ai tem que preparar muito tempo, porque quando sai de um ano quem fica, já ta preparando para outro ano, um ano já vai preparando e sempre tem os romeiros também.*

Entrevistado 2: *Aqui na comunidade pra nós é de grande importância e de grande futuro, porque é uma tradição vea que nós tem aqui que num pode deixar, é uma alegria da gente topar os amigo as amiga, os festeiro, porque as vez passa é ano sem a gente encontrar, e nesse tempo é a oportunidade melhor da gente encontrar uns zanzoutro, é uma tradição muito antiga, então pra mim é uma tradição muito importante, que não pode acabar, é os vei passando pros novo e seguindo pra frente.*

Entrevistado 3: *Eu acho que significa que esse festejo é uma maneira de reconhecimento da comunidade, é essa romaria, porque ai nessa romaria significa pra comunidade que é uma festa de alegria pra comunidade, que é essa tradição dessa festa que é tomem significa outra coisa, é o encontro das familia que é muito boa essa festa por ser um encontro das família nessa romaria.*

Entrevistado 4: *O festejo pra nós significa muita coisa, nós vai pra porque nós gosta e tem fé na santa e ali que o povo junta as família os amigo pra divertir, então o festejo pra nós é muito bom.*

Entrevistado 5: *o que eu acho que significa é o seguinte, é a alegria do pessoal, porque tem muitos conhecido que as vez fica 4, 5 ano sem topar e da na epa ali todo mundo encontra lá.*

Nesta segunda pergunta, todos compartilham do mesmo pensamento, onde dizem que o “festejo é um momento de alegria, de devoção e encontro familiar e amigos”. O festejo em si é um momento em que iremos compartilhar conosco e com visitantes, a nossa cultura, nossas devoções e sentimentos com toda comunidade reunida, pois alguns dos familiares moram em cidades diferentes e esse é o momento oportuno para reencontros como esse. O festejo é fundamental para a preservação e salvaguarda da memória e ancestralidade Kalunga.

3- Houve alguma diferença do festejo de antigamente para os dias de hoje?

Entrevistada 1: *Demais, mudou muito, do tempo que eu era menina cada vez que até quando eu casei, hoje pra Ca tem mudança, cada ano vai mudando, ta tendo muita mudança, a tradição vai mudando, tem muita mudança, mas só que a gente ainda ta ai mantendo o festejo, mas tem muita mudança, não tem muita atenção ali nos impérios, nas rezas, os novo já não vai La mais nas reza, e ai vai mudando muito, mas só que é muito importante pra nós.*

Entrevistada 2: *Tem, muita! Mudou muito porque antigamente fazia os impérios com suco, enroladinho de tapioca que tira da mandioca, e litro de 5l que trazia da beira do rio pra trazer pro festejo, e hoje o povo quer é refrigerante gelado, cerveja ne, e outras bebida ne, e farofa de carne, bolo nem ta falando mais, só paçoca de carne, então mudou muito, e antigamente também os império era tudo de manha de 10 hora pra frente e duns tempo pra ca o povo num quer mais fazer os império cedo, quer fazer só de tarde, porque de tarde é mio, de tarde num sei o que, mas num é ne, porque desde quando eu conheci sempre foi na parte de cedo, na base de umas 10 hora 11 hora, então pra mim mudou muito, que quando o povo fazia essas festa ai tudo ia por conta dos festeiro também ne, dava almoço e hoje alguns que dá almoço, lembro disso demais!*

Entrevistada 3: *Ta muito mudado, porque antigamente, soprocê vê, antigamente num tinha o império, e depois que teve o império já teve grande mudança, hoje o respeito que tinha por essa festa dessa tradição hoje não tem, tinha grande respeito, por causa que eu falo assim, a gente ia trabalhar nessa festa nesse império e tinha que ter muito respeito nas arrumação e hoje não, eles faz na simplicidade, eles fala assim, a festa é de católico mas assim, eu entendia que os católico considerasse mais essa festa como antigamente com muito respeito nas arrumação, não levava em brincadeira era uma coisa séria, então eu falo que mudou muito, mudou bastante.*

Entrevistado 4: *Oia, teve muita mudança, de muita a muita, porque na epa que eu, os festeiro antigo nos tempo passado, os festeiro trabalhava a punho deles sozinho pra fazer uma festa, não tinha custo*

de ajuda de nada, ajuda era os braço, e hoje festeiro fica e só leva nome que era festeiro, mas a dispesa ranja tudo aduado, taranjandoaduação, num sei da onde ta vindo, mas recebe muita ajuda, se fosse hoje eu queria ficar de festa igual os que ta fazendo agora, mas igual era no meu tempo, eu nem pensava em fazer mais festa porque o curto de vida era muito pesado, docê fazer uma festa começar do zero até chegar no final era trabalho.

Entrevistado 5: *Mudou muito, que naquele tempo ocê via ali um forrozim, que era poucas pessoa que sabia tocar mas como se diz, luz era ni lamparina o povo dançava ali mesmo e hoje tem energia.*

Logo em seguida, na terceira pergunta foi enfatizada as mudanças ocorridas no festejo no decorrer dos anos, e os entrevistados afirmaram que sim; Em suas palavras observamos que em várias partes houve algum tipo de mudança bem visível por todos os mais velhos que um dia compartilhou aquele momento que foi presente a qual mudança.

Todos os entrevistados têm um sentimento mútuo em relação ao festejo, ao realizar as entrevistas, como pesquisador e membro da comunidade, vi pelas falas e os semblantes as lembranças perpassadas em suas memórias, a saudade que tens daqueles momentos onde os costumes eram valorizados por todos da comunidade, e não se tratava de apenas um festejo, mas o festejo, de muita fé e união das pessoas por uma causa só.

4- Como a comunidade se envolve para realização do festejo?

Entrevistada 1: *As pessoas já sai da romaria, sai pensando já trabalhando, já lembrando pro ano, pedindo a Deus pra ta todo mundo mundo com saúde pra ta ali , e o rei e a rainha que é os dono da festa, ta sempre ali convidando as pessoas e também quando ta perto tem que trabalhar muito e enconvidar as pessoas da comunidade também, ajudando os imperador, dando uma força pra preparar ate chegar o rei, do divino, senhora D'Abadia, e também os romeiros tem de preparar também pra fazer os rancho, tem que ajeitar as coisas pra ta La naqueles dias pra festar.*

Entrevistada 2: *Eles envolve tipo assim, que as vezes eu sou festeira ne, ai eu tem de chamar ocê, tem que chamar ocê mais sámuié, a família inteira pra arrumar as coisas porque se num envolver muita gente eu sozinha num faço a festa, então tem de ter muita gente pra modo envolver, fazer alguma coisa, cortar papel e varias outras coisas ne que a gente precisa de fazer, fazer comida que hoje tem muita comida, já tem a policia que antigamente não tinha e hoje já tem policia no meio ne, ai envolve muitas coisas.*

Entrevistada 3: *É uma preparação muito difícil e se torna fácil, porque o festeiro o rei e a rainha durante o ano ta trabalhando pra arrumar, organizar essa festa e além deles dois envolve muita gente pra ajudar, tanto antes e cumo La na festa, porque La na festa que envolve muita*

peessoa pra ajudar , porque só duas pessoas num da conta, só uma família da casa do imperador num da conta, então envolve muita família que ajuda.

Entrevistado 4: *A preparação ali é o que, quando chega dali de junho pra frente, junho julho cada alguém já ta aproximando pra comparecer no festejo de agosto ne, ai um vai prum lado, um quer arrumar pra ir pra festa, outro fala quero ir, e so organizando pra quando chegar no dia todo mundo bem servido do jeito que ele quer, que chega La vai sistir sua festa tudo do jeitim que quer, tudo apreparado, é isso ai é o que acontece, a organização é essa ne.*

Entrevistado 5: *Ocê tem de começar preparar de muito tempo pra poder ta La ne.*

Aqui também revela o quão importante é o festejo para comunidade, pois é como dizem, “a preparação é desde quando sai de um ano pro outro”; Como é um festejo de grande dimensão “hoje” os romeiros que são as pessoas envolvidas no festejo, principalmente o festeiro que são os imperadores e rainha tem que se organizarem desde cedo para que possam arcar com as obrigações de festeiro no ano seguinte tais como:

alimentação, bebidas e decoração.

5- Como e quando o festejo de Nossa Senhora D’Abadia começou a ser realizado?

Entrevistada 1: *Eu já umas vez, as pessoas mais velha falar que num tinha nem império, ainda tem pessoa que ocê quiser saber também quem foi o primeiro imperador, num sei se ocê sabe, aqui mãe e comadre Dainda sabe quem foi o primeiro imperador de Nossa Senhora D’Abadia, que não tinha império, ele tinha um reinado, a romaria, dizendo eles que era um reinado, não era império, ai que eles foi pensar que era um coroadado, ai podia ser um império, ai que trouxe o império, mas se ocê quiser saber direito quem foi o primeiro rei e a primeira rainha ocê pode ir ni comadre Dainda que ela sabe.*

Entrevistada 2: *Eu conheci esse festejo já nos meus 10 ano de idade ne, que eu nasci em 62 ne, de 62 pra 72 dez ano ne, conheci em 1972, ai por exemplo mudou muito ne, porque a igreja era feita de adobe, as casinha era tudo de paia e a paia inxumentada, e hoje não, é tudo de adobe com teia, mudou um bucado, mas pra saber assim de quando começou mesmo num sei dizer.*

Entrevistada 3: *Olha, eu num sei direito quando cumeçou mas só sei que foi a muito tempo, tem muitos ano essa festa ai, quando era menina, já tinha ela a muitos ano, mas a diferenca é que antes não era império, era reinado de noite, ai tinha arvorada que cantava e tocava a noite inteira, e hoje num tem mais, ai só depois que começou chamar de império, mas já tem a muitos tempo essa festa.*

Entrevistado 4: *Oia, quando começou esse festejo não tinha império, essa festa era uma festa de boca de noite, era festa de novena de ocê*

rezar assim, ocê passava era, vamo supor era nove dia de festa, dez com o final que era dia 15, e ai passou tudo dessa festa pra império, ela começou em 1955 que ela passou pra império, eu num era nem nascido nessa epa, mas quem me passou esse fato disse que começou nessa forma, as pessoas mais vea eu gostava de pricurar como agora ocêta me pricurando, como começou esse festejo pra ser império, ai falava, o eu lembro que foi assim assim e me contava, e eu tem na minha cabeça que é isso ai.

Entrevistado 5: *Não, eu num sei, eu só ouvi dizer que essa igreja ai começou primeiro com Senhora das Neves, ai arrumaram a igreja e ta ai até hoje.*

Nesse desfecho é notável pelas descrições que o festejo realmente vem acontecendo há muito tempo, mesmo que antes não era chamado especificamente de festejo e sim novena; Esses notáveis da comunidade são pessoas que vivenciaram essas manifestações na antiguidade desde crianças e dizem que neste meio tempo seus avós diziam que também vivenciaram aqueles momentos com os pais e avós, então por essa cronologia dá para perceber a dimensão de história perpassada por esse festejo e essa comunidade.

6- Como é a participação da juventude na organização e realização das manifestações no festejo?

Entrevistada 1: *Os jovens, tem muitos jovens que eles tem atenção, tem deles que ta ali nas oito horas, ali marcando presença, eles marca presença junto com os rei as rainha, eu mesmo, teve muitos jovem que teve atenção comigo eu agradeço, mas já tem jovem que não ta por ali, hoje a mudança que tem, que naquele tempo não tinha um campo de bola, hoje já tem campo de bola , se deu na hora ali do matine do império, se deu na hora do jogo eles já vai La jogar bola, e ai aquele ali tudo vai envolvendo, as vez ali na hora da reza, muitos deles nem som desliga, assim vai sendo as mudança, tem pessoa que num sabe nem a hora que reza, ai nós ta La rezando e eles La com som ligado, esse merece um tempo, momento de chamar atenção.*

Entrevistada 2: *Não, iii nessa questão ai os jovens num quer, só mais aqueles de 25 anos e 30 ano, aqueles mais jovem assim, os mais novo não, nem cortar papel e nem fazer nada, só forró! Num quer mais nada disso ai não.*

Entrevistada 3: *Não, hoje ta assim poucos jovens quer se envolver na organização do festejo, porque eles já ta envolvido com outras coisas, ta ficando difícil porque os jovens não quer ajudar, di primeiro era poucos adulto e muitos jovem querendo aprender cume que organiza a festa, cume que faz os enfeite, cume que faz tudo, e hoje eles não quer, ai tem poucos jovens que ta interessado nisso ai.*

Entrevistado 4: *eu falo assim, quem tem interesse tainvolvido e quem não tem incuto é com as danças e outras coisa pra La, mas quem tacobdenação igual eu sempre fico ta lidando junto com a gente aprendendo ne, e já tem gente que não quer aprender , depois que*

passa, e pergunta a como que aconteceu , a gente fala uai ocêtava La ua, porque ocê não foi participar, ai muito fala ah eu não vi passando esse ai não. Esse ai é os participante, quer participa e quem num quer fica fora.

Entrevistado 5: *A bom! Uns ta, outros num ta ligando não.*

De acordo com as respostas, alguns jovens estão interessados no que os avós faziam e fazem até hoje, porém outros já não se interessam nessas arrumações e manifestações, eles criticam muito essa parte porque veem que os jovens não estão dando mais importância como antes em cada detalhe da cultura e tradição da comunidade.

7- Quais as manifestações presentes durante o festejo. Você acha que falta alguma outra coisa da cultura da comunidade que poderia ser incluído?

Entrevistada 1: *Lá nos dia da festa, o pessoal já chega 12, mas dia 13 que já é o dia que já ta enfeitando a coroa do imperador do divino, ai dia 13 também já tem as oito horas, já tem do rei do divino, dia 14 já é o império do Divino, ai já ta preparando enfeitando também para o rei de nossa Senhora D'Abadia mais a rainha, 14 de noite e as oito hora também com o rei mais rainha e ai também já tem as reza de noite também, e dia 15 já é o império de Nossa Senhora D'Abadia, e dia 15 de noite também o rei do divino já vai entregar a coroa do rei do próximo ano, e dia 16 já vem a folia de cipó na currutela, dia 16 também entrega a coroa de Nossa Senhora D'Abadia pro rei novo do próximo ano, e dia 17 a festa acabou.*

Entrevistada 2: *Tem o império de Nossa Senhora D'Abadia do Divino, tem as reza, a Sussa, a folia de cipó, mas só que a folia de cipó eles numtasortando no horário certo e a arvorada que eles largou de fazer que antigamente tinha, eles cantava arvorada eles cantava a noite inteirinha de barraco em barraco, e eu acho no meu pensar que eles tinha de colocar ela de novo, se é uma tradição veanum tinha como deixar de fazer.*

Entrevistada 3: *Olha é assim, tem sussa, tem as oito horas que é tudo envolvido, tem a folia que a gente chama de folia de cipó que é essa que gira La dentro da capela, ta tudo envolvida La no festejo, tem a levantação do mastro e alem dessas coisas já deixou tradição pra traz, cadê a arvorada? Tinha a arvorada.* **Entrevistado 4:** *primeiramente oh, o começo da festa a gente chega La, começa dia 13, ai tem o mastro, ai tem a reza levanta o mastro dia 13, passa pra dia 14 e ai passa pro império ne, e dia 15 nossa Senhora d'Abadia, ai nessa lida, um ta arrumando um lado do divino e outro arrumando o lado do imperador de Nossa Senhora D'Abadia, ai o império acontece ali as volta de meio dia a seis hora da tarde, como faz de Senhora D'Abadia como do Divino, o Horário é esse ne, de uma hora ate seis hora é hora de eles ta realizando a dispesa que eles ta dando pro pessoal ne, e passou daí é festa mais tarde e entrega da coroa pro*

outro que fica, vai entregar a coroa pra outro imperador do ano que vem.

Entrevistado 5: *Tem Levantação do mastro, império, várias coisa. Se um bucado desses mais novo num cuidar e prender, ta em tempo do festejo cabar.*

Como muitos de nós já conhecemos, no festejo se faz um conjunto de manifestações da comunidade em um único lugar, são elas a dança da sussa, a folia, as cantigas, rezas entre outros; Que são os atrativos que levam a comunidade para se envolverem durante esses dias de festa, porém, conforme as respostas eles sentem falta de algumas coisas que aconteciam antigamente dentro da romaria, que é a alvorada, onde faziam os rodízios no local até a igreja, como também casamentos, que as pessoas hoje não fazem mais. Na atualidade as rezas estão ficando menos frequentes, e eles estão muito preocupados com isso porque é um sinal não muito satisfeito para a permanência do festejo, se deixarmos que isso aconteça aos poucos vai retirando algo relevante do festejo, e o pior poderá acontecer, de acabar com mesmo.

8 - Tem algum órgão ou entidade que dá apoio para a realização do festejo, de que tipo?

Entrevistada 1: *Dependendo do festejo, que eles também tem mudança, porque tem prefeito que tem mais atenção, as vez outros prefeito já faz menos, mas sempre os prefeito tem obrigação de ter muita atenção, porque La no vão do moleque, já fui La , fiquei com eles La, eles é muito presente, e aqui nos merece também, eu já fui rainha e o prefeito teve atenção comigo, so que eu queria mais atenção comigo, porque ali pra eu conseguir pulicial foi muito difícil, eles queria deixar pra mandar pra mim no dia 13, ai a gente teve que pedir muito pra*

vim dia12, ai dia 16 mandou pulicial embora, nem falou pra mim, eu fiquei saber, fui saber mais tarde que tava sem pulicial, então é o momento que a gente precisa de muita atenção.

Entrevistada 2: *Em algumas coisa a prefeitura ajuda, em outras coisa não, de uns tempo pra ca ne, porque antigamente era no lombo do cavalo e de pouco tempo pra ca já tem carro que algumas vez eles carrega os trem da cidade até chegar ca e na capela. Mudou muito esses ai que antes era so no lombo do cavalo, hoje também eles já ajuda a recolher os lixo, já tem puliça, tem água puxada na bomba ne, então já ajuda um bucado.*

Entrevistada 3: *É assim, o que que eu acho, tem anos dependendo do prefeito ele ta ajudando, e outros já não ajuda os imperador; outra coisa também, tem muita ajuda mais é dos amigo do que do prefeito, eu acho. Que era uma coisa que devia ter, teve uns ano ai que ajudou muito, o prefeito ajudou, evoluiu muito na festa porque, assim, sobre o prefeito a única coisa que envolve a festa que foi ajudada de prefeito*

foi a casa da festa, que antigamente não tinha e hoje já tem, ajudada de prefeitura ne, mas eu acho que o prefeito tem que correr mais pra ajudar mais. Tem a energia também, mas igual ano passado mermo, nós ficou 3 dia sem energia, mas se a prefeitura tivesse feito esforço não tinha ficado sem energia, igual eu falo, a energia aqui no Vão de Alma é fraca fica sem, mas tinha que ter o motor o gerador já pronto num era?

Entrevistado 4: *Oia, acho que sim, porque igual eu falo, na minha mente quando eu fui imperador não tinha apoio nem de prefeito e nem de vereador, mas hoje a mudança já mudou muito, hoje o festeiro tem ajuda por exemplo da prefeitura o carro pra levar as dispenza pra festa, já ranja tudo na porta do rancho, e na minha epa os trem era tudo levado no burro, trazia da beira da pista ate chegar na capela, era três descanso, trazia de uma lado puizia de outro, igual quando rodava do Paraná mesmo, largava na beira do rio Paraná e deixava de La, daí tornava pegar do Paraná e colocava na casa de Getúlio que era mais perto do rio, e daí retornava ate chegar na capela, três posada ate chegar com minhas coisas, e hoje não, se for pra consumir hoje já chega na porta na mesma hora, hoje tem muita mudança, já tem estrada e nós não tinha, tem energia que não tinha e hoje tem, cada ano muda, e eu quero que sempre muda nessa parte ai, mais envolvimento.*

Entrevistado 5: *Antigamente a prefeitura num ajudava em nada, mas hoje ela já ajuda o festeiro, que se o festeiro tiver um material e falar, se for um prefeito bom, vem trazer o material pro imperador na porta.*

Sobre o apoio de órgãos e entidades, os entrevistados destacam que a prefeitura é uma grande aliada, porque mesmo em pequenas ações está sempre ajudando, e a partir do momento que acontece as transições de troca de prefeitos, dependendo dos mesmos, o apoio é melhor. Eles comparam com a memória que tens dos tempos em que a dificuldade era maior em realizar o festejo em si, principalmente o deslocamento de ida e volta até a cidade para tentar organizar os necessários para arrumação da festa.

Vale ressaltar aqui também, que a associação Kalunga de Cavalcante (AQK) é uma grande aliada no festejo, porque a mesma através de projetos e lutas sociais diante do governo nos trouxe a energia que é de grande importância, e desde então a prefeitura sempre dá manutenção no decorrer dos festejos. Destaco também alguns projetos que estão começando aparecer para que auxilie na manutenção e realização dessa romaria, apesar disso a maioria da comunidade ainda não tem conhecimento desses projetos pois ainda estão bem “irrestritos”, mas com ajuda da associação também, a comunidade está começando abrir os olhos quando vem de pessoas de fora.

9 - Como são transmitidos os saberes culturais entre as gerações?

Entrevistada 1: Os saberes antigamente era mais difícil, porque ia aprendendo era na memória mesmo, hoje não, porque tem como escrever, tem como gravar uma voz, porque eu mesmo aprendi com meus avo foi na idéia mesmo, aprendendo o que vai passando é de bisavo pro avo, dos avó pros neto, dos pai pra filho e assim vai passando de um pro outro, de geração em geração, igualmente eu aprendi meus saber muito foi assim, aprendi com minha família, meus avo, minha mãe, e ateeu aprendo ate com qualquer pessoa que eu vê, que sabe fazer alguma coisa que é importante eu já quero aprender.

Entrevistada 2: Pra mim pensar eu tem que falar desde o começo ne, como era antigamente falar direitim, como que tem que fazer, mostrar como que faz, como cortar os papel, como enfeitar as garrafa, enfeitar as varinha, eu tem que falar pros meu neto, pro meus primo tudim do começo ate chegar o fim, expricar como que faz tudim, é muito importante, deveria ter um livro escrito isso ai tudim, porque hoje eu sei, mas ocê pricura um desses mais novo ai e eles num sabe responder ocê cume que faz ne eles num sabe, até a festa de são João mudou neh, porque também antigamente tinha o império ne, o reinado e hoje num tem mais, vestia o festeiro a festeira de branco, igual no império mesmo, ia pra igreja de noite era de reinado e hoje não oh, cabou, num sei porque parou, mas antigamente tinha.

Entrevistada 3: É tudo na mimora, é assim, a questão é que a gente foi aprendendo de uma pessoa para a outra, num tinha nada escrito da festa, do império, num tinha antigamente, agora que uns mais novo tão querendo aprender passado um do outro, antes a passagem era assim, era eu chamar ocê que é mais novo, que depende de homem e de mulher, eu chamava ocê vambora La meu fi, vamo ajudar aqui, segurar a bandeira pra nós enfeitar, vem ajudar enrolar aqui, vem vê o imperador, vem ca vê cume que é e chamava, era homem e mulher pra ir ajudar, e

quando não tinha homem e mulher cume que vai aprender que num tinha um vídeo pra poder vê num é? Eu aprindi na mimora ensinado de alguém, e já passei pra muita gente, que hoje eu quase não faço mais ne, ai eu deixo pros mais novo fazer e eu vejo que num sai igual antes, eu fazia pra mostrar pros mais novo aprender também ne eu tinha muita alegria de fazer, os povo me esperava pra poder começar a mexer a fazer.

Entrevistado 4: Ua, a pessoa que tem interesse de aprender, e eu vê que tem interesse eu vou ensinando, ele vê eu fazendo depois do pra ele fazer também e vendo se ta aprendendo, eu sou aifélio, é igual no remato de folia, chega no cruzeiro, tem muito aifélio que chega e pede outro pra fazer venda, já eu chego eu faço do começo ao fim, e já passei assim pra muito, é assim que faz oh, faz assim faz assim, e vai aprendendo, e se eu fazer falta eles já sabe que é assim, num ta escrito no livro mas ta escrito na memória da pessoa ne, no livro num ta, mas ta na memória. **Entrevistado 5:** É o seguinte, os que sabe ta acabando

e os novo que ta num liga pra modo ir assistir ne, ajudar fazer, porque depois que for pra La e prender fazer a festa vai pra frente, eles tem que olhar a gente fazendo pra poder ir aprendendo fazer também ne, é assim que aprindi.

Conforme os entrevistados os saberes são transmitidos através da oralidade que vem através da memória de acordo com interesse da juventude, para esta ali presente em todas as modalidades de manifestações e atos religiosos culturais da comunidade, dessa forma a transferência vai acontecendo de modo que vai desenvolvendo-as. A oralidade é uma herança cultural que a alguns anos vem sendo reconhecida e valorizada, pois tudo que é escrito hoje tem precedência da história oral, lembrando-se que a mesma era a única forma de comunicação e ligação social.

4.1.8. Questionário para os professores

Nesse segmento, temos os questionários dos professores onde ressalta as possibilidades e encargos da unidade escolar em relação à cultura local. Foram entrevistados três professores da mesma escola e que trabalham nas mesmas turmas.

1 - Há políticas públicas que auxiliem na organização e realização do festejo, como?

Professor 1- *Sim a prefeitura da suporte a comunidade festeira com coletores de lixo, energia, estrada e água para os festeiros. Professor 2-* *Sim, com as iluminações no festejo, coleta dos lixos, caminhão pipa para molhar a praça do festejo, entre outros. Professor 3-* *Sim, geralmente na limpeza da praça, coleta de lixos, manutenção de água, equipe de saúde e segurança.*

De acordo com as respostas vimos que hoje de alguma forma já existem políticas públicas na organização do festejo, a maior parte fica por conta da comunidade e festeiros, mas dependendo do prefeito e do governo do estado sempre terá um apoio no que for necessário, na segurança, na coleta dos lixos, no bombeamento da água, entre outros itens comuns e necessários para a realização da romaria.

2 - Como professor e membro da comunidade, qual o seu papel na escola para fazer esse repasse cultural para os estudantes?

Professor 1- *Como professor, trabalho de acordo com a realidade dos alunos, trazendo para dentro das aulas suas culturas e fortalecendo elas nos trabalhos e atividades escolares para que os mesmos não*

percam suas identidades ao ser impostas outras atividades de culturas diferentes.

Professor 2- *Explicando aos alunos a importância de manter a tradição dos nossos ancestrais e estar sempre participando de todos os eventos.*

Professor 3- *O meu papel é implementar nossa cultura dentro do meu planejamento, e passar para os estudantes no intuito de incentivá-los a participar cada vez mais.*

Diante do exposto, cada professor tenta a melhor forma incluir um pouco da cultura da comunidade em suas aulas e nos planejamentos, para que os estudantes possam cada vez mais descobrir sobre si mesmo e o outro ao mesmo tempo, isso é muito importante para fortalecer suas identidades. O que mais dificulta nessa inclusão é que infelizmente as escolas Kalungas ainda não têm um currículo adequado para que possam trabalhar especificamente com as manifestações em aula, mas mesmo assim os professores não deixam de incluir nas aulas, mesmo não estando no currículo.

3 - Há algum envolvimento da escola no festejo de Nossa Senhora

D'Abadia? Como?

Professor 1- *Sim, a escola quanto o estado e município, trabalham coletivamente na conscientização do lixo, da exploração sexual de criança, incentivando também a participar das atividades culturais durante a festa para quando retornarem as aulas fazerem relatos do que foi feito e a importância.*

Professor 2- *Sim, com cartazes e falas sobre cuidado com o lixo do festejo.*

Professor 3- *Sim, através das ações que a equipe escolar desenvolve e executa nos dias letivos no “festejo”.*

Os professores entrevistados, de uma forma bem coerente entre as respostas, citam que o envolvimento da escola é a partir da “escola itinerante” nome dado aos dias letivos de aula no decorrer do festejo, onde é organizado pelos professores um cronograma antes para que haja um bom envolvimento dos alunos com as manifestações. Segundo eles, foi feito um projeto denominado “lixo no lixo é sinal de capricho”, para conscientizar a comunidade e convidados, que levam mercadorias e consomem algo que muitas vezes é jogado no chão e deixado, com auxílio de cartazes e rodas de conversas durante e no local do festejo.

4 - Como é organizado o calendário escolar na época do festejo?

Professor 1- *Na época do festejo organizamos vários temas e deslocamos para a festa para trabalharmos sobre e orientar as crianças sobre os pontos positivos e negativos da festa.*

Professor 2- *Nesta época acontece a escola itinerante, onde são preparadas várias atividades com cartazes para serem distribuídas*

em todo o festejo pelos alunos e professores juntamente com sacos de lixo.

Professor 3- *É organizado com um espaço que recebe o nome de “escola itinerante” onde a equipe escolar pode desenvolver algumas ações com os estudantes no festejo.*

Conforme os entrevistados, é a partir do calendário regional da secretaria, onde nas datas do festejo é mencionada a escola itinerante como dias letivos no festejo, a

“escola itinerante é um espaço, um projeto onde a escola se insere dentro do festejo conforme o calendário de dias letivos da instituição escolar local, o mesmo surgiu a partir da resistência e pressão dos professores das comunidades em não exigir aos estudantes sua permanência dentro da sala de aula nos dias de festejo. Neste meio é preparada uma barraca para desenvolvimento de variadas atividades e envolvimento dos estudantes das duas unidades escolares estaduais, como também as municipais, trazendo um grande envolvimento no festejo. A partir daí os professores buscam levar os estudantes a se enturmarem nas preparações dos impérios, das rezas, das rodas de prosa além de fazer apresentações de sussa e de poesias autorais.

Afim das atividades realizadas dentro do festejo se tornarem de caráter mais pedagógico e válido pela secretaria de educação, foi criado o conceito de “escola itinerante que vem sendo desenvolvido nas escolas a pelo menos 8 anos, mostrando então o resultado da luta dos educadores quilombolas Kalunga em busca da flexibilização do calendário escolar.

5 - Como você vê a participação dos estudantes quando são trabalhadas as tradições locais em sala de aula?

Professor 1- *Percebo que por causa da entrada de outras culturas dentro da comunidade eles se dispersam muito, por isso a cultura enfraquece por optarem por funk, rap e outros tipos de religião como o evangélico, mas mesmo assim ainda 50% ainda são interessadas.*

Professor 2- *vejo que alguns alunos se interessam sim, porem outros já não se importa.*

Professor 3- *Por saber e conhecer as tradições vejo-os bem envolventes, todos participam de alguma forma, com entusiasmo.*

Como vimos, houve opiniões diferentes entre as respostas, porém condiz com a realidade; segundo um dos professores diz que alguns alunos não participam e nem interessa quando trabalham sobre a cultura nas aulas, já os outros dizem que participam.

6 - Como você acha que o órgão escolar em geral pode auxiliar na preservação e resgate dos conjuntos de saberes das tradições quilombolas Kalungas?

***Professor 1-** Trazendo para dentro das salas de aulas, as manifestações culturais como apresentações em grupos na qual os grupos escolhem uma manifestação para ser apresentada e no final explicam a importância de manter viva a nossa história, memória e identidade, pois um povo sem história é um povo esquecido.*

***Professor 2-** Estar sempre falando a importância, fazer implementação de uma disciplina de música, onde pode estar sendo ensinados os cantos e rezas.*

***Professor 3-** Penso que esses saberes devem ser incluídos na nossa matriz, e se não, enquanto professores devemos abordar constantemente em nossas aulas.*

Eles dizem que a melhor forma de engajar e continuar preservando as tradições são trazendo alguns anciões para as salas de aulas, fazendo debates e rodas de conversas construtivas, e logo após construir relatos para envolver esses estudantes no conteúdo proposto, como também a implementação desses saberes na matriz curricular das escolas Kalungas quilombolas.

7 - Oque gostaria que fosse implementado no currículo escolar sobre os saberes locais?

***Professor 1-** Incluir os manifestos locais nos currículos, mostrando a simbologia delas, com datas a serem trabalhadas em sala de aula, com espaços abertos para anciões da comunidade ter seus momentos de fala com domínio do tema. **Professor 2-** No meu ponto de vista seria a disciplina de música, onde poderia estar sendo ensinados os cantos e rezas que acontece no festejo, e também como tocar os instrumentos que são utilizados em todas as manifestações culturais que acontece na comunidade.*

***Professor 3-**Penso que tudo, principalmente as rezas, as receitas culinárias, plantas medicinais e etc.*

Em conformidade, para os professores seria interessante ter um espaço para que os mestres da comunidade pudessem ir às escolas fazer rodas de prosa sobre a importância da cultura na escola e também ensinar seus saberes cotidianos e ancestrais, como as rezas, a culinária, as plantas medicinais entre outros saberes e fazeres da comunidade em geral, bem como uma disciplina específica para área de música.

4.1.9. Questionário para os estudantes

Nessa parte, temos o último questionário deste trabalho, que são dos estudantes, que nos possibilitou enxergar suas opiniões e interesses na preservação do bem cultural da comunidade, aqui utilizamos um questionário para cada turma do colégio estadual, pois assim podíamos ter opiniões conjuntas sobre o mesmo tema proposto.

1 - A sua escola desenvolve com vocês estudantes atividades que abordam e retratem a cultura vivida por vocês e sua comunidade? Como?

6ª ano- Sim

7ª ano-Sim

8ª ano-Sim

9ª ano- Sim, a folia, a sussa, as música evangélica também e todas as tradições.

1ª série- Bom, antes a gente fazia várias coisas, mas agora não desenvolvemos muito não porque estudamos no Goiás Tec, mas era muito bom.

2ª série- Sim, a minha escola desenvolve muito sobre a cultura da nossa comunidade

3ª série- De uma certa forma sim, por exemplo rodas de conversa, organização para recolhimento do lixo depois do festejo de Nossa Senhora D'Abadia dentre outros.

Nesta questão houve divergências entre as respostas, pois de acordo com algumas turmas os professores trabalham e falam sobre as manifestações locais nas aulas, já outras dizem que não, pois estudam na turma do Goiás-Tec. O Goiás-Tec é um programa criado pelo estado de Goiás no ano de 2019.

Iniciou na escola Santo Antônio em 2020, com intuito de levar o ensino tecnológico em áreas mais íngremes e de difícil acesso, como também melhorar a aprendizagem dos estudantes através de professores especializados nas respectivas áreas de conhecimento: são aulas gravadas por professores de estúdios em Goiânia e mediadas por outro professor em sala de aula na comunidade, professor esse que se encarrega de baixar e organizar a sala de aula para estudo.

Neste sentido penso o quanto é importante ter um currículo voltado diretamente para as escolas Kalungas, pois o currículo escolar do Goiás Tec é voltado para todas as escolas do estado de Goiás, porém não condiz muito com a realidade das comunidades e nem dos estudantes da Comunidade Vão de Almas.

2 - Vocês acham importante estudar a cultura da sua comunidade dentro da escola? Se sim, por quê?

6ª ano- *Sim, porque se a gente não estudar a cultura da nossa comunidade vamos parar os costumes como a sussa, levantação do mastro, folia; e se a gente estudar poderemos contar as histórias para nossos filhos igual nossos pais contou para nós, por isso achamos importante estudar a cultura.*

7ª ano- *Sim, porque é importante que os alunos aprenda um pouco mais sobre o que acontece na nossa comunidade e também porque a comunidade faz parte do nosso dia a dia aqui na escola e na nossa casa.*

8ª ano- *Sim, porque cada vez que estudamos sobre a cultura da nossa comunidade vamos ter mais conhecimento.*

9ª ano- *sim, é muito importante porque quando a gente estuda sobre a nossa cultura a gente tem mais experiência, porque vai que um dia a gente pode dar de cara com uma pessoa e ela perguntar, a gente vai saber falar sobre nossa cultura.*

1ª série- *Sim, porque assim a gente sabe mais sobre os nossos povos e as nossas culturas que é muito importante para a comunidade.*

2ª série- *Sim, é de muita importância desenvolver porque nós aprende o que não sabemos e ensinamos o que aprendemos sobre a cultura da comunidade.*

3ª série- *Sim, é de fundamental importância porque estudar nossa tradição, culturas, é uma forma de ensino, trazendo a nossa ancestralidade para nosso autoconhecimento.*

Segundo os estudantes, todos relatam que é importante ter essa vivência entre a cultura e a escola, na visão em que abordam acham que é de suma importância para aprofundar seus conhecimentos e continuar preservando os saberes culturais e ancestrais da comunidade.

3 - Quais tipos de manifestações culturais são estudados em sala de aula?

6ª ano- *São estudadas a sussa, levantação do mastro, quadrilha, desfile no dia da consciência negra e as rezas.*

7ª ano- *Manifestação de Nossa Senhora D'Abadia, quadrilha, império, folia, as rezas, até mesmo a gente desenha o festejo de Nossa Senhora, os povo dançando sussa e rezando.*

8ª ano- *Já estudamos sobre a folia, sussa e reza, e agora estudamos sobre os instrumentos e objetos preparados e usados aqui na comunidade.*

9ª ano- *Festejo, folia, rezas e sussa.*

1ª série- *Nós estudamos como são feitas as sussas, as rezas, as folias e outras coisas também.*

2ª série- *As folias, sussa, rezas, fogueira de são João e etc.*

3ª série- De um certo modo, agora no Goiás tec, não estudamos nenhuma especificamente, só falamos em teatro e sua importância em algumas matérias.

De acordo com a terceira pergunta, os alunos expõem várias manifestações que veem em sala de aula, isso significa e mostra a dedicação que os professores obtém em relação ao resgate e preservação da tradição juntamente aos conteúdos escolares da comunidade, porém em uma das turmas não vemos esse acesso cultural.

Ressalto cada vez mais que as especificidades da vida no campo também devem ser levando em consideração nas metodologias de ensino, tanto na modalidade de ensino básica quanto na modalidade tecnológica (Goiás Tec), pois a estimativa de desterritorialização de estudantes que saem de suas comunidades em busca de novos caminhos é grande, e com o auxílio da escola na comunidade trabalhando suas próprias vivências, poderá impedir essa ocasião.

4 - Como acham que podem preservar a cultura e tradição da comunidade Vão de Almas?

6ª ano- preservar, cuidar da manutenção do patrimônio da comunidade, fazer sempre as festas e folias, rezas e muito mais. 7ª ano- Nós preservarmos a nossa cultura cuidando para que depois ainda pode ser recebida com amor e carinho e também Lá no festejo deixar o lugar limpo, cuidar da igreja, manter a tradição em dias no seu tempo certo.

8ª ano- Para preservar a cultura e a tradição da comunidade é preciso fazer oficinas e continuar trabalhando as culturas para manter de pé.

9ª ano- É importante que todos se reúnam em toda data comemorativa para manter as nossa tradição e nossas culturas.

1ª série- Nós jovens temos de aprender mais e passando a praticar e repassar para nossos filhos futuramente e assim por diante.

2ª série- Temos que participar sempre com frequência para não ser esquecida e não acabar; e participando dessa tradição a gente sempre vai tá preservando.

3ª série- As nossas gerações terem a percepção dos conhecimentos que precisam ser preservados para o fortalecimento das nossas identidade e saber sempre com os mais velhos.

Os estudantes em suas falas demonstram o interesse em didáticas que auxiliam na continuidade do interesse cultural da comunidade, mesmo com tantas outras interações internas percebem que se preocupar em preservar a própria identidade é importante.

5 - Qual é o significado do festejo de Nossa senhora D'Abadia para vocês?

6ª ano- *É um significado muito grande para nós porque a tradição não pode acabar nunca, e nós não queremos que ela acabe, porque foi nossos antepassados que começou e nós tem que continuar, ela também significa as promessas, tudo de bom pra gente, tudo La é importante.*

7ª ano- *Nossa Senhora D'Abadia quando estamos dentro da igreja é o momento de prestar atenção, ela significa que tem as rezas e é muito importante, e o único lugar que nós vê todas as tradição num único lugar.*

8ª ano- *Um lugar onde o povo se diverte, mas pra algumas pessoas não significa nada porque é de outra religião e não participa das festas.*

9ª ano- *Significa que no festejo é um local de data comemorativa onde todos reúnem para festejar e encontrar os amigos e familiares.*

1ª série- *O festejo é importante, porque é um momento de pedir ajuda a Deus e agradecer, momentos de alegrias com nossos amigos, onde vem muitas pessoas de fora também para prestigiar as manifestações.*

2ª série- *O festejo de Nossa Senhora D'Abadia é um dia que faz o império de Nossa senhora D'Abadia, reza, fazem missa, fazem as oito horas com candelas de cera, é muito importante participar. 3ª série- é um festejo que só ocorre uma vez no ano e de certa forma são praticados um pouco de todas as manifestações do ano inteiro.*

Cada turma expõe seus diálogos sobre o significado do festejo para eles, alguns relatam que é um lugar para se divertir, outros já acreditam que são os atos de fé; Mas sabemos que tudo que disseram faz parte do mesmo significado festivo e religioso desse festejo.

6 - Quais os incentivos que seus pais lhes dão, para que participem frequentemente das manifestações culturais da comunidade?

6ª ano- *nossos pais sempre nos incentiva ir para participar, das rezas, as sussas, as levantação de mastro, os impérios, e fala também que La é muito legal pra aprender.*

7ª ano- *Sim das rezas prestar muita atenção na hora de rezar, participar para que podemos guardar na nossa lembrança as coisas que acontece na comunidade.*

8ª ano- *Para que nós possamos participar e aprender para não acabar a cultura na nossa comunidade porque se nós não participar a cultura acaba.*

9ª ano- *Eles falam que é muito importante participar porque a gente também conversa com Deus, nas rezas e divertir com os amigos nas*

folias nas curraleiras e falava pra prestar muita atenção pra poder aprender.

1ª série- *Eles incentivam a gente a aprender mais sobre a nossa cultura, porque se nós não se interessar em nossas culturas e manifestações vai acabando aos poucos.*

2ª série- *Eles sempre nos falam para prestar atenção e participar das rezas, da sussa, até da organização, pra daqui pra frente a gente saber e não acabar.*

3ª série- *Muitos pais são bem incentivadores, e sempre nos falam da importância da nossa participação para que possamos aprender e não deixar acabar.*

Na sexta questão percebe-se que todos os discentes recebem incentivo dos seus criadores, em concordância da preservação do bem cultural da comunidade, em minha opinião é muito bom, porque a partir daí, do impulso que as pessoas vão lhes dando que começam a ter consciência e maturidade para perceber o quão importante é preservar e manter essa diversidade de manifestações presentes na comunidade.

7 - Já ouviram dos mais velhos alguma história sobre o festejo de Nossa

Senhora D'Abadia? Quais?

6ª ano- *Sim, eles já falou que o festejo de Nossa Senhora D'Abadia começou quando outros mais velho encontraram uma*

santa Nossa Senhora das Neves em cima de um toco onde é hoje a igreja e agora passou para todos os anos o festejo.

7ª ano- *Sim, eles falava que de primeiro os mais velho e os mais novo ajudava qualquer coisa que precisava e não tinha preguiça, e que também tinha um padre na nossa comunidade que fazia as missa e as reza todo dia de festa e hoje tem um mais é de outra localidade e não tem reza todo dia.*

8ª ano- *Sim, a história que fala de uma santa chamada Nossa Senhora das Neves que nos tempos passado acharam ela em um tronco no local do festejo Nossa Senhora D'Abadia, pois então ficou a festa de Nossa Senhora das Neves dia 5 de agosto e o império de Nossa Senhora D'Abadia para ser comemorado no dia 15 de agosto, e também falava que antes no festejo tinha careta que se fantasiava de preto para assustar as pessoas e principalmente as crianças.*

9ª ano- *Sim, nossos avós falavam que as pessoas antes respeitavam as tradições e hoje não esta nem ai, só os mais velhos que sempre respeitava e continuam respeitando.*

1ª série- Já ouvimos falar das histórias do boi bumbá, que eles apareciam a noite para assustar as crianças e os mais velhos também, mas era momentos de alegria.

2ª série- Eles falava que antigamente acontecia muitas coisas ruins também, principalmente quando soltava foguete que pegava fogo no rancho, falavam também que não tinha som automotivo, as pessoas rezavam mais e tinha forró so de sanfona e zabumba e era muito bom.

3ª série- Sim, as pessoas levantavam, ou seja, iam no rio de madrugada dar mergulho no rio, diziam que érea muito importante naquele tempo.

Na última questão obtivemos respostas bem inusitadas, porém fez e ainda faz parte da infância de crianças na comunidade, os ditos populares, as histórias contadas pelos anciões, onde nos mostram também que a história oral, nesse meio de tecnologias e modificações ainda permanece e nos auxilia para o reconhecimento de nossa própria identidade, bem como abre portas para possíveis estudos sobre descendências e africanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa evidenciamos a importância do festejo de Nossa Senhora D'Abadia em para nossa comunidade Vão de Almas. Ela é bastante rica em saberes tradicionais que nos remetem a chegada dos nossos antepassados no local, ela nos ensina a viver a cada dia uma sabedoria para darmos mais valor à cultura e tradição ancestral. O festejo dentro da comunidade sempre foi um modo de resistência e manutenção das manifestações presentes, onde os nossos anciões repassam seus saberes num só lugar às novas gerações seja ela a reza, dança ou o império.

Seguido ao meu objetivo, investiguei o processo histórico das manifestações culturais, relatando suas práticas e costumes dentro da comunidade, nesse intuito quis trazer algo que envolvesse minha cultura e acredito que servirá de exemplo para futuras gerações que não tiveram o prazer de vivenciar essas sabedorias na atual conjuntura; pois é de grande relevância escrever e fazer uma pesquisa sobre nós mesmos, ou seja, o que envolve toda comunidade em geral. Ressaltar ainda que a comunidade existe a mais de trezentos anos, e os mais velhos falam que esse festejo já existia, e hoje dão sequência a esses rituais religiosos.

Hoje a sociedade está de olho em nosso patrimônio cultural da comunidade, muitas pesquisas, muitas matérias, porque aqui ainda temos fontes ricas que possibilitam a volta ao tempo das vivências de um povo que um dia procuravam refúgios, fugindo da escravidão nesses vão e serras, que hoje chamamos de Vão de Almas, por esse motivo também que nós jovens das comunidades temos que nos apropriar da nossa própria história e não deixar que pessoas contem por nós, pois como quaisquer uns têm a capacidade, e principalmente compromisso e honra pelos nossos velhos.

Por fim, sou muito grato em realizar essa pesquisa em minha comunidade, que servirá como fonte de pesquisa e apoio para que posteriormente jovens da comunidade e outras pessoas possam ter acesso. Esse trabalho é de suma importância porque estudamos em uma universidade pública em um curso do campo, e ela nos dá suporte para que possamos estudar sobre a nossa vivência como também nos dá espaço de fala, por isso estou ciente que pude realizar uma boa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, Elizeth da Costa; SILVA JÚNIOR, Augusto Rodrigues; ALMEIDA, Maria Geralda. **Identidades Territoriais Kalunga da na Comunidade Quilombola do Mimoso, em Tocantins**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v.13, n.2, pg.121- 130, jul.\dez. 2020.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. 8.Ed. Pg.181-191 Rio de janeiro: editora FGV, 2006.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. **Violar memória e Gestar a História: uma abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”**. CLIO-série história do nordeste, nº 15, 1994.

ARAÚJO, Jacqueline Bittecourt. **Performances e cultura popular na Arte\Educação**. 2013.41f. Monografia de Graduação- Curso de licenciatura em Artes visuais, Universidade de Brasília- IDA, 2013.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, MyrianSepúlvera dos. **História, Memória e Esquecimento: Implicações Políticas**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 20 jun. 2020. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Ed. presses Universidade de France, 1950.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Elmo de Souza e SILVA, Ariosto Moura da (Orgs). **Diálogos sobre Educação do Campo**. Teresina: EDUFPI, 2011.

LEACH, Edmund. **Repensando a antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca em sociedades arcaicas**. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.

NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, História e Sujeito: Substratos da Identidade**. Ed. História Oral e as tramas da subjetividade, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michae. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1985.

SOARES, Silvan Moreira. **Memórias, práticas e representações da música tradicional da comunidade quilombola Kalunga tinguizal de monte alegre de goiás**. 2021. Monografia de Graduação - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2021.

SILVA, Valdemar Dias. **A Folia do Divino Espírito Santo Como Manifestação Cultural e Identitária da Comunidade Kalunga no Município Monte Alegre de Goiás**. 2022. Monografia de Graduação- Curso Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2022.

SOUZA, Rones Jose de. **Saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção de farinha(distrito prata- Monte Alegre- GO)**. Monografia de graduação- Curso de Educação do Campo, 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Entrevista para a Comunidade

1. Quando e como você conheceu e se envolveu com o festejo de Nossa senhora D'Abadia?
2. Qual o significado do festejo de Nossa senhora D'Abadia para a comunidade?
3. Houve alguma diferença do festejo de antigamente para os dias de hoje?
4. Como a comunidade se envolve para realização do festejo?
5. Como e quando o festejo de Nossa Senhora D'Abadia começou a ser realizado?
6. Como é a participação da juventude na organização e realização das manifestações no festejo?
7. Quais as manifestações presentes durante o festejo. Você acha que falta alguma outra coisa da cultura da comunidade que poderia ser incluída?
8. Tem algum órgão ou entidade que dá apoio para a realização do festejo, de que tipo?
9. Como são transmitidos os saberes culturais entre as gerações?

APÊNDICE B- Questionário para os professores

1. Há políticas públicas que auxiliem na organização e realização do festejo, como?
2. Como professor e membro da comunidade, qual o seu papel na escola para fazer esse repasse cultural para os estudantes?
3. Há algum envolvimento da escola no festejo de Nossa Senhora D'Abadia? Como?
4. Como é organizado o calendário escolar na época do festejo?
- 5.
6. Como você vê a participação dos estudantes quando são trabalhadas as tradições locais em sala de aula?
7. Como você acha que o órgão escolar em geral pode auxiliar na preservação e resgate dos conjuntos de saberes das tradições quilombolas Kalungas?
8. O que gostaria que fosse implementado no currículo escolar sobre os saberes locais?

APÊNDICE C- Questionário para os estudantes

1. A sua escola desenvolve com vocês estudantes atividades que abordam e retratem a cultura vivida por vocês e sua comunidade? como?
2. Vocês acham importante estudar a cultura da sua comunidade dentro da escola? Se sim, por quê?
3. Quais tipos de manifestações culturais são estudados em sala de aula?
4. Como acham que podem preservar a cultura e tradição da comunidade Vão de Almas?
5. Qual é o significado do festejo de Nossa senhora D'Abadia para vocês?
6. Quais os incentivos que seus pais lhes dão, para que participem frequentemente das manifestações culturais da comunidade?
7. Já ouviram dos mais velhos alguma história sobre o festejo de Nossa Senhora D'Abadia? Quais?

APÊNDICE D- Imagens

Ilustração 9 - Comes e bebes do império



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012)

Ilustração 10 - Comes e bebes do batizado



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012).

Ilustração 11- Batizado em casa



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012)

Ilustração 12 - Batizado na igreja



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012)

Ilustração 13- Império do Divino



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012)

Ilustração 14 - Às Oito Horas



Fonte: Registro de Marques Rosa (2012)